

CARTA DO
LÍBANO

**PEDRO
SIMON**

Aos 91 anos, o ex-senador fala com exclusividade sobre a vida dedicada à política nacional e lembra: “O Líbano também é aqui”

**CARDEAL
BECHARA
PEDRO RAI**

O manifesto do patriarca maronita pela neutralidade libanesa nos conflitos do Oriente Médio

**JOSEPH
SAFRA**

Família, Líbano, Brasil e futebol. Paixões e conquistas do grande empresário na trajetória de um dos clãs financeiros mais poderosos do mundo

O ESPAÇO IDEAL
PARA INSTALAR
SUA EMPRESA
OU ARMAZENAR
SEUS PRODUTOS.



SALAS COMERCIAIS MODULARES
E ESPAÇOS PARA LOJAS E DEPÓSITOS
DE DIFERENTES DIMENSÕES.

No CenterBrás-AG você encontra diversos tipos de serviços úteis para o dia a dia das empresas e de seus profissionais como Restaurantes, Correios, Agências Bancárias, Caixas Eletrônicos, Agências de Viagem e uma infraestrutura completa para a instalação de sua empresa. O estacionamento possui uma capacidade rotativa para cerca de mil carros.

>>> WWW.CENTERBRAS.COM.BR • (11) 3322-7000



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA • ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3129.2971

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
JOSEPH SAFRA

FOTO
AGÊNCIA ESTADO

EDITORIAL

A ROTA DO OURO E A LUTA PELA PAZ E PELA LIBERDADE

O sucesso não vem antes do trabalho. Assim executamos esta edição dedicada a personalidades que fizeram história na sociedade, na política e na economia. Gente que trabalhou duro e enfrentou a luta com coragem e determinação.

A história do banqueiro Joseph Safra não se resume unicamente à sua própria trajetória de sucesso, que é uma parte da fascinante história de uma família, seu estilo de vida, suas tradições, fracassos e conquistas.

Com a queda do Império Otomano, o patriarca Jacob Safra sai de Aleppo, na Síria, e se instala em Beirute no início do século passado. Novos caminhos e opções surgiram, pois a liberdade é fator decisivo para o crescimento e desenvolvimento. Meio século depois, a rota de ouro se estende de Beirute a São Paulo e a família Safra escreve três novos capítulos em três países durante um século.

Outro tema a destacar na edição é o depoimento do chefe da Missão Britânica em Beirute, o diplomata Martin Longden, que fornece uma visão preocupante, porém otimista, dos caminhos decisivos a serem percorridos pelo Líbano rumo a um futuro melhor.

Entrevistamos também o ex-senador Pedro Simon, 91 anos, personagem carismático da recente história política brasileira. Com exclusividade à Carta do Líbano, ele falou de suas origens, do amor pela pátria dos antepassados e do legado de ética e dignidade herdado do pai.

Igualmente na ordem política do momento, o cardeal Bechara Pedro Rai, patriarca maronita de Antioquia e de Todo o Oriente, faz importante pronunciamento em defesa da neutralidade do Líbano nos muitos conflitos que abalam a política e a segurança no Oriente Médio.

E para nós aqui - libaneses e seus descendentes brasileiros - o amor não é só pela Terra dos Cedros, mas sim o sentimento maior pelas tradições, pela liberdade e pelo povo que vive nesse território sem uma condição pacífica até hoje.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[f @cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[i @cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

SUMÁRIO

ANO 27 • NÚMERO 181 • 05.2021

CARTA DO
LÍBANO

6 | Cartas

8 | Capa

Descendente de um clã cujas origens remontam ao Império Otomano, Joseph Safra soube conservar e expandir a tradição de grandes financistas de seus antepassados. Auxiliando o pai e, mais tarde, junto aos irmãos, construiu um império que atravessou fronteiras e deixou um valioso legado que segue rumo ao futuro

16 | Joseph Safra

O acadêmico Roberto Duailibi escreve sobre o homem que, junto com os irmãos, trouxe para o Brasil uma fortuna familiar que estimulou e colaborou com o desenvolvimento do País

22 | História

Carta do Líbano relembra o Líbano pós-Segunda Guerra Mundial. Uma terra de paz e prosperidade, quando Joseph Safra ingressou na idade adulta e a família de banqueiros do Oriente Médio estabeleceu as bases de sua maior expansão internacional

30 | Artigo

Um diplomata estrangeiro - chefe da Missão Britânica em Beirute - fornece uma visão preocupante, porém otimista - dos caminhos decisivos que devem ser percorridos pelo país rumo a um futuro melhor

34 | Sociedade

- Sob a batuta de Marly Mansur e Ana Karin de Andrade - anfitriãs impecáveis - um jantar em São Paulo reuniu amigos e personalidades do setor empresarial em torno do casal Ana Paula e Hamilton Mourão



40 | Perfil

Ex-senador e personagem de destaque da recente história política do Brasil, o descendente de libaneses Pedro Simon falou à Carta do Líbano sobre suas origens, do amor pela pátria dos antepassados e do legado de ética e dignidade herdado do pai

48 | Cardeal Bechara Pedro Rai

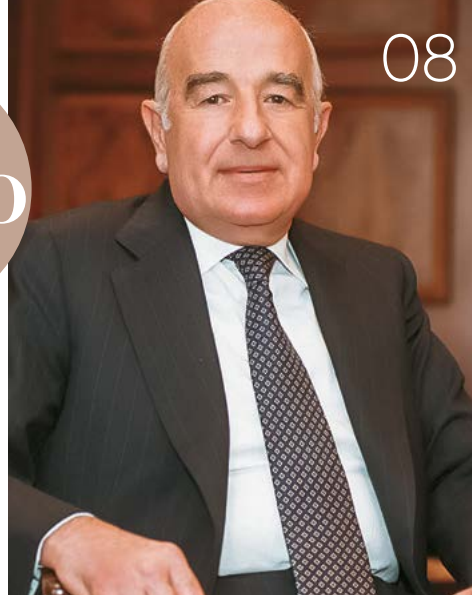
Patriarca maronita de Antioquia e de Todo o Oriente, fez importante pronunciamento em defesa da neutralidade do Líbano nos muitos conflitos que abalam a política e a segurança no Oriente Médio

56 | Livro

De executivo internacional de sucesso a procurado pela polícia japonesa e envolvendo a diplomacia de três países, Carlos Ghosn tem uma história e tanto para contar

58 | Memória

Homenagem ao incansável médico Nabil Massad



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 - São Paulo/SP ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

Prezado Fouad Naime,

“ *Com satisfação e emoção recebemos a edição 180 da revista Carta do Líbano.*

Parabéns pela qualidade de informações e reconhecimento da atuação de Charles Lotfi no meio empresarial, educacional, social, pela causa libanesa, pelo Brasil e pelo próximo. Cordialmente,

Jose Anchieta da Silva, presidente da Associação Comercial e Empresarial de Minas
Belo Horizonte, MG

“ *Cada edição da Carta do Líbano mostra sua relevância na comunidade.*

Não é diferente com o especial de Charles Lotfi. O editor Fouad Naime mesclou, de um lado, a história do grande libanês, honrado e trabalhador e, de outro, o presente, com seus descendentes, tradicionalistas e respeitáveis. Parabéns, a revista ficou um primor!

Hanna Mtanios Hanna Júnior,
Cônsul honorário do Líbano
Goiânia, GO

“ *Queria te dizer que a edição do Charles Lotfi ficou ótima, no conteúdo e na forma. Parabéns, mais uma vez!*

Kátia Chalita
Rio de Janeiro, RJ

Caro Fouad,

“ *Sou assinante de Carta do Líbano há vários anos e já tive oportunidade de cumprimentá-lo pelas matérias selecionadas a cada edição.*

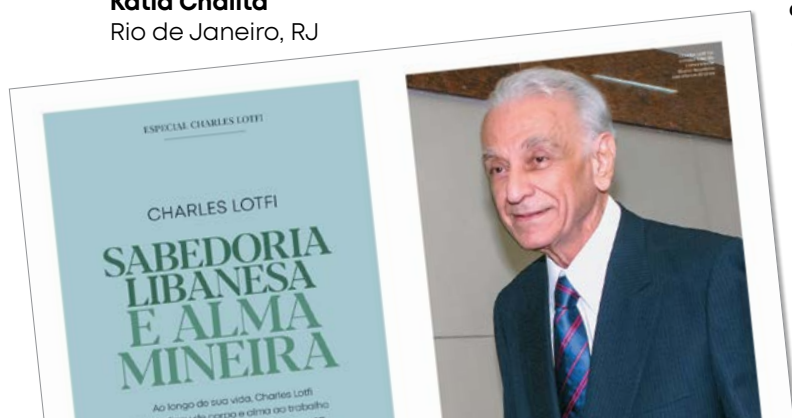
Na mais recente, dedicada ao resgate da memória do nosso grande líder, Charles Lotfi, a revista superou todas as expectativas. Foi uma oportuna reconstituição da trajetória de vida e das marcantes iniciativas do homenageado em benefício do Líbano e sua diáspora. Já no editorial, fiquei conhecendo o apoio de Charles para a primeira edição dessa publicação. Merecidamente, isso faz de Carta do Líbano o veículo de comunicação oficial da nossa Confelibra. Parabéns pela histórica edição.

Paulo Jorge Sarkis, presidente da Felibra no RS
Santa Maria, RS

“ *Muitíssimo bem nos impressionou, a mim e a minha família, a qualidade do trabalho e o esforço que o editor chefe Fouad Naime e sua equipe da revista Carta do Líbano, tiveram para contatar as pessoas que conviveram com o nosso pai e irmão Charles, ao longo de sua existência.*

Para elaborar esta edição mais que especial, todos deram seus testemunhos com belos e tocantes depoimentos. Ficamos muito emocionados com este resgate da trajetória de vida do papai, que vai ficar na memória da família, dos amigos e de todos que o conheceram. Muito obrigada ao Fouad e a toda equipe de Carta do Líbano pelo excelente trabalho!

Sílvia Lotfi
Belo Horizonte, MG



Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

CIRURGIÃO CARDIOVASCULAR E PALESTRANTE

Atendimento premium nas cidades
de São José do Rio Preto,
São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

CONTATOS

E-MAIL: dredmogabriel@gmail.com

SITE: doutorgabrielcardio.com.br

INSTAGRAM: [@edmoagabriel](https://www.instagram.com/edmoagabriel)

BLOG: coracaomoderno.com.br

A ROTA DE OURO,
DE BEIRUTE A SÃO PAULO

Joseph Safra

UMA SAGA DE PROSPERIDADE

Descendente de um clã cujas origens remontam ao Império Otomano, Joseph Safra soube conservar e expandir a tradição de grandes financistas de seus antepassados.

Auxiliando o pai e, mais tarde, junto aos irmãos, construiu um império que atravessou fronteiras e deixou um valioso legado que segue rumo ao futuro

Quando Joseph Safra faleceu em dezembro de 2020, aos 82 anos de causas naturais, obituários publicados na mídia nacional e internacional o colocavam como um dos homens mais ricos do Brasil e um dos banqueiros mais ricos do mundo - à frente do poderoso Grupo Safra - com uma fortuna avaliada em cerca de 23 bilhões de dólares. Também exaltaram sua intensa atividade na filantropia, contemplando as áreas da saúde, educação, cultura e social. Sem esquecer seu orgulho por ter a cidadania brasileira e sua grande paixão pelo futebol do Corinthians.

Reflexos de uma vida que, apesar dos grandes

feitos e conquistas no mundo das altas finanças, era pautada pela discrição e pela dedicação à família. O casamento de 50 anos, com Vicky Sarfaty, lhe deu quatro filhos e 14 netos, para quem gostava de contar a história de seus antepassados, transmitindo valores, tradição e cultura. Foi um homem de hábitos simples que evitava ao máximo a ostentação e a exposição pública. Entre os mais próximos, todos o conheciam como "seu Joseph".

Acima de tudo, Joseph Safra foi um líder dentro e fora do Grupo Safra, se destacando pelo profundo compromisso com a responsabilidade social. Ao longo da vida ajudou muitas pessoas, apoiou e patrocinou iniciativas culturais, educacionais, de saúde e religiosas de todas as fés.

FOTOS: J. SAFRA SARASIN HOLDING LTD., GETTY IMAGES

OS FAVORITOS DAS GRANDES FORTUNAS

Nascido no Líbano, em 1938, Joseph era a quarta geração da dinastia Safra, iniciada há mais de um século no Império Otomano. A família tornou-se conhecida em todo o Oriente Médio por financiar o comércio entre as cidades de Aleppo, Istambul e Alexandria. Quando o império entrou em colapso, Jacob Safra, um dos irmãos no negócio original, mudou sua sede de Aleppo, na Síria, para a capital libanesa, Beirute.

Da matriz libanesa os Safra eram os banqueiros preferidos das classes mercantis da rica comunidade judaica sefardita, que se estendia da Síria ao Iraque. Como as famílias de banqueiros mercantis da Europa, que se transferiram para Londres quando Hitler iniciou os violentos ataques ao comércio judaico, a família Safra se viu forçada ao exílio com a criação do Estado de Israel e o início da perseguição aos judeus em terras árabes, no segundo pós-guerra.

Foi nesse cenário que Jacob Safra, pai de Joseph, mudou a base de suas operações para a América Latina, fundando o Safra SA, em São Paulo - mais tarde conhecido como Banco Safra de Investimento.

Assim, Joseph Safra, nascido e criado em Beirute, chegou ao Brasil em 1955. Na juventude Joseph viu seu pai e seu irmão mais velho, Edmond, fazerem dinheiro através do financiamento de ativos. Logo os irmãos Safra passaram a trilhar os próprios caminhos: Edmond fundou o Republic National Bank, em Nova York - vendido em 1999 para o HSBC - e Joseph fundou o banco que leva o nome da família.

Jacob Safra posa na praia de Beirute. Ao fundo, o lendário hotel São Jorge



Joseph Safra, conhecido como "um dos banqueiros mais ricos do mundo"



Joseph Safra comprou o icônico edifício “Maxixe”, projetado pelo arquiteto Norman Foster, em Londres



A cidade de Aleppo, na Síria, berço da família Safra, no final do século 19



Em 1914, Jacob Safra instalou seus negócios na rua Allenby, em Beirute

O PROPRIETÁRIO DO MAXIXE

Desde então, Joseph atuou como empresário internacional, proprietário de um império brasileiro de bancos e investimentos, o Grupo Safra, que inclui o Banco Safra, o oitavo maior do País, com sede na capital paulista. Ser criado em um país e se tornar uma lenda dos negócios em outro não é brincadeira de criança, o que explica por que a história de sucesso de Joseph Safra é fascinante.

A mão firme e a visão apurada do empresário para os negócios mantiveram a família nos escalões superiores da hierarquia bancária. Dois de seus filhos, David e Alberto, administram o Grupo Safra no momento, enquanto seu filho mais velho, Jacob, assumiu o controle da J. Safra Sarasin - com sede na Suíça - do Safra National Bank, em Nova York, e das propriedades imobiliárias nos EUA. Joseph também possuía 50% da produtora de banana Chiquita Brands International, sendo a outra parte de propriedade de Joseph Cutrale, o bilionário brasileiro do suco de laranja.

Parte da extensa riqueza dos Safra pode ser atribuída ao impressionante portfólio de propriedades do grupo, que inclui o icônico edifício “Maxixe”, em Londres. Joseph comprou o imóvel - projetado pelo arquiteto Norman Foster, localizado no centro econômico da cidade e conhecido popularmente como “pepino” - em 2014, em uma transação avaliada em 700 milhões de libras. Em um comunicado divulgado na ocasião, o Grupo Safra declarou: “Com apenas 10 anos, este edifício já é um ícone londrino que se distingue de outros no mercado, com excelente potencial de valorização. Pretendemos tornar o edifício ainda melhor e mais desejável por meio da propriedade ativa que levará a uma série de melhorias que beneficiarão os inquilinos”.

Na área da filantropia, o empresário doou grandes somas de dinheiro para a Fundação Edmond J Safra, criada por seu irmão, destinadas ao apoio de organizações e indivíduos necessitados em todo o mundo. A instituição se concentra nas áreas

Educação, Ciência e Medicina, Religião e Assistência Humanitária, Cultura e Bem-Estar Social. Na Educação, a fundação beneficiou o Centro de Ética da Universidade de Harvard e o campus de ciências da Universidade Hebraica de Jerusalém.

180 ANOS DE TRADIÇÃO BANCÁRIA

A bem-sucedida trajetória comercial da família Safra teve início na década de 1840 com a formação da empresa Safra Frères & Cie., a fim de financiar caravanas e trocar moedas de diversos países da Ásia, Europa e África. Além da posição estratégica da cidade síria de Aleppo - sede da empresa - na rota comercial do Oriente, o negócio se beneficiou do fato de a família pertencer à então “renomada classe mercantil do Oriente Médio”.

Ao longo da segunda metade do século 19, Safra Frères prosperou, expandindo-se para Constantinopla, na Turquia, e Alexandria, no Egito. Em 1891 Jacob Safra - pai de Edmond e Joseph - nasceu em Aleppo. Depois da morte repentina de seu pai, Jacob foi acolhido por seu tio Ezra e aos 13, começou a trabalhar no negócio da família. Descrito como “um jovem brilhante”, ele possuía uma mente privilegiada capaz de calcular mentalmente com muita rapidez a conversão de diferentes moedas e determinar os custos de financiamento de um empréstimo.

No início do século 20, o Império Otomano enfrentava condições econômicas adversas que o enfraqueceram. À medida que os otomanos e as potências europeias caminhavam em direção à hecatombe da Primeira Guerra Mundial, Aleppo

deixou de ser uma fortaleza comercial e cultural. Muitos *halabie*, incluindo Jacob Safra, fugiram para o Líbano e além. Em 1914, Jacob abriu em Beirute uma filial da Safra Frères, na rua Allenby.

O empresário se casou com uma prima, Esther, em 1920 e tiveram dez filhos, porém apenas oito sobreviveram além da infância. O primogênito, nascido em 1921, recebeu o nome do avô, Eliahu. Nos anos seguintes vieram quatro filhas - Evelyn, Gabi, Arlette e Huguette - e mais três filhos - Edmond, Moise e Joseph, nascido em 1º de setembro de 1938.

O primeiro banco fundado da família, o Jacob E. Safra Maison de Banque, foi fundado em Beirute e prosperou rapidamente, beneficiando-se de um influxo maciço de empresários sírios que se tornaram a principal base de clientes de Jacob. Durante o período entre guerras, os negócios do banqueiro beneficiaram-se ainda mais com a dinâmica do mercado financeiro local, especialmente da turbulência nas operações de câmbio e comércio de ouro.

“AYOUNI”

Esther Safra morreu de parto, aos 39 anos em 1943, no auge da Segunda Guerra Mundial, quando Joseph Safra tinha apenas cinco anos. Foi um baque profundo na família, mas o viúvo de 52 anos casou-se novamente, sete anos depois. Coube às filhas - especialmente a mais velha, Evelyn - cuidar das tarefas domésticas e dos irmãos mais novos. Joseph,

A Maison de Banque (à esq.), de Jacob Safra, em Beirute, 1929



Jacob Safra e sua esposa Esther com seis de seus oito filhos, da esq. para a dir: Edmond, Joseph, Gabi, Arlette, Moise e Huguette. Beirute, 1940



o caçula, sofreu muito com a morte da mãe, por quem sempre manteve verdadeira veneração. Embora dissesse que mal lembrava de seu rosto, ele guardou seu amor, seus gestos de afeto e suas canções. Durante toda a vida, Joseph foi grato às irmãs pelo amor e carinho que recebeu e por ter seu pai e irmãos como modelos, seus verdadeiros heróis.

Para o velho Jacob, o mais importante era a educação de seus filhos e poder lhes transmitir aos filhos seus conhecimentos e experiência em termos de negócios. À medida que Joseph crescia, ele logo percebeu a grande visão do pai para os negócios, além de uma inteligência financeira inata e a capacidade de identificar oportunidades.

Aos 11 anos, durante as férias escolares, Joseph foi ao escritório do pai no banco disposto a ajudá-lo no que podia. Jacob, que o chamava afetuosamente de “Ayouni” (meus olhos, meu amor), também não deixou de notar cedo o talento do caçula para os negócios e sempre respondeu pacientemente às suas perguntas. Pai e filho compartilhavam várias características pessoais, incluindo a capacidade de compreender rapidamente o caráter das pessoas e o dom de fazer cálculos mentais precisos.

O jovem se familiarizou rapidamente com notas e moedas de diferentes países, notas promissórias, recibos e cobranças. Também aprendeu observando como os funcionários realizavam as transações seguindo as instruções de seu pai.

Tudo caminhou bem até que, no final da década de 1940, Jacob Safra concluiu que o melhor era deixar Beirute. Em 1952, seus dois filhos mais novos, Joseph e Moise, partiram para estudar na Inglaterra. Fluente em francês, árabe e hebraico, agora aprenderiam inglês. Joseph foi matriculado em um internato judeu, o Whittingehame College em Brighton, no litoral inglês, conhecida como a cidade dos estudantes devido ao seu grande número de faculdade.

Já seu irmão Edmond viajou extensivamente até encontrar um país para a família se estabelecer e o Brasil apresentava o futuro mais promissor. A família se estabeleceu em São Paulo em 1953



Joseph Safra (primeiro à dir. na primeira fila) no Whittingehame College, em Brighton, Inglaterra, 1957

sendo o patriarca Jacob o último a deixar o Líbano. No entanto, ele não abandonou seu negócio no país, deixando o banco em Beirute nas mãos de funcionários de confiança. Sob o nome de Banque de Crédit National, a casa bancária permaneceu parte do Grupo Safra por muitas décadas.

SÃO PAULO S/A

Os Safra rapidamente se restabeleceram com sucesso em São Paulo. Em 1955 fundaram a Safra S.A. Importação e Comércio, negociando metais, máquinas, gado e produtos agrícolas, bem como produtos químicos e industriais. Edmond voltou para a Europa em 1956, onde lançou as bases de um futuro banco com a abertura de um escritório comercial em Genebra, na Suíça. Nas décadas seguintes Edmond operou um banco privado sob os nomes de Trade Development Bank e do Republic National Bank de Nova York. Mais tarde, essas instituições financeiras globais foram adquiridas pela American Express e HSBC, respectivamente.

Com a obtenção da licença formal de banco brasileiro, em 1957, Jacob mudou a razão social de seus negócios para Safra SA Financiamento e Investimentos, passando a oferecer crédito aos clientes. Em 1960, o banco brasileiro expandiu sua oferta de produtos para incluir títulos e títulos públicos, aproveitando a experiência de longa data da família em bancos e finanças, bem como suas conexões com a comunidade judaica local, estabelecendo-se como um dos mais respeitados instituições financeiras.

Ainda em 1957, logo que se formou Joseph Safra embarcou para os Estados Unidos. Em Nova York



Moise, Edmond e Joseph Safra (em pé ao lado de um busto de seu pai, Jacob Safra)

trabalhou no Bear Stearns e em San Francisco, no Bank of America. Depois de alguns anos, a conselho do pai, trocou os Estados Unidos pela Argentina - Buenos Aires era então considerada a maior metrópole da América Latina. Devidamente instalado em um apartamento no elegante bairro de Recoleta, Joseph abriu o escritório do Trade Development Bank no centro financeiro da capital portenha.

No entanto, esses eram tempos difíceis para a economia brasileira, com a alta inflação corroendo os negócios. Porém Jacob soube proteger a si mesmo e a seus clientes do banco por meio de um planejamento cuidadoso e estratégias de investimento sensatas.

OS BONS FRUTOS NO BRASIL

Quando os negócios estavam prosperando para Joseph na Argentina, a saúde de seu pai declinou e ele teve de voltar ao Brasil. Assumiu a direção do banco, mas se afastou durante quatro meses para estar no hospital ao lado do pai doente. O patriarca da família faleceu em 28 de maio de 1963.

Os negócios da família foram assumidos pelos irmãos Joseph e Moise. Coube a Moise administrar as atividades industriais, enquanto Joseph se dedicou ao setor bancário e financeiro, tornando-se

conhecido pelo raciocínio rápido e o poder de decisão, características que o acompanharam por toda a vida.

Joseph não tolerava negócios inacabados ou soluções temporárias e era capaz de decidir uma operação importante com segurança e urgência. Ao longo da década de 1960, o banco Safra floresceu e deu bons frutos, oferecendo novos produtos e serviços aos clientes. Também cresceu com a aquisição de outras instituições e, a partir de 1963, estabeleceu-se como uma das maiores instituições financeiras do Brasil.

Em 1965 o governo brasileiro definiu novas regras para o setor bancário, tornando os investimentos privados mais atraentes e Joseph obteve a licença para operar como banco de investimento.

Com sua visão de negócios e grande expertise, previu que o setor industrial

e as exportações do agronegócio precisariam de financiamento.

Os irmãos Safra gozaram de enorme credibilidade junto a vários membros do governo e, assim, participaram do processo de política econômica e de recuperação durante os anos 1970. Na década seguinte, essa influência positiva se faria sentir mais uma vez.

Um aspecto central chamava a atenção de Joseph: política monetária e forte expansão do crédito como formas de impulsionar a demanda e a produção domésticas. Assim, o empresário estava pronto para financiar grandes empresas e decidiu que era hora de expandir ainda mais as atividades e o número de filiais. A partir de 1967 comandou a aquisição de vários bancos. Adquiriu o Banco Nacional

“ Joseph não tolerava negócios inacabados ou soluções temporárias e era capaz de decidir uma operação com segurança e urgência ”



O casamento de Vicky e Joseph Safra, em 1969

Transatlântico - renomeado Banco de Santos - dando um passo notável na jornada para a construção de uma instituição financeira grande e bem-sucedida.

A expansão prosseguiu em 1969 com a aquisição dos bancos Renascença e J.C. da Silva Leça. Três anos depois, o Safra cresceria ainda mais com a aquisição e integração dos bancos das Indústrias S.A. e Auxiliar da Produção, passando a se chamar Banco Safra S.A.

A EXPANSÃO INTERNACIONAL

A vida pessoal de Joseph mudaria em janeiro de 1968, ao conhecer Vicky Sarfaty. Segundo ele, foi amor à primeira vista. Casaram-se em 31 de julho de 1969 e permaneceram juntos até a morte do empresário em 2020.

Enfrentar e superar desafios eram os principais estímulos que impulsionavam Joseph Safra. Foi um dos primeiros banqueiros brasileiros a iniciar uma estratégia de internacionalização. Abriu sua primeira filial fora do Brasil, em Nova York, em 1981, sendo o primeiro banco privado brasileiro a oferecer a seus

clientes nos Estados Unidos um portfólio completo de serviços bancários. Em 1982 criou uma subsidiária nas Ilhas Cayman e nas Bahamas, em 1983.

Nesse momento, a economia brasileira se encontrava abalada com taxas de inflação anuais superiores a 100%. Para qualquer banqueiro o cenário era de pesadelo, mas Joseph encontrou maneiras de proteger os ativos dos clientes e os seus. Ele se revelava um peso-pesado das finanças na América Latina.

Uma das opções que identificou foram os investimentos em ouro. Assim, o Grupo Safra criou a CBM, empresa que dedicada à comercialização de ativos em ouro, tanto diretamente das minas como através da participação nas atividades de fundição e mineração. Além disso, o Safra passou a investir no agronegócio, adquirindo mais de 30 mil cabeças de gado em duas regiões no Mato Grosso do Sul.

O grupo expandiu suas atividades “navegando pelos mares turbulentos” da economia brasileira. Decidido a expandir as atividades do Grupo Safra para a Europa, Joseph escolheu Luxemburgo, um dos primeiros países a se tornar membro da União Europeia, localizado no coração da Europa com uma política estável e um sistema financeiro forte. Era o local ideal para um banco privado, o Banque Safra Luxembourg, fundado em 1985. Enquanto outros bancos entravam e saíam, o Banque Safra Luxembourg continuou comprometido com as atividades de longo prazo no país.

Com a intenção de fortalecer sua posição nos Estados Unidos - visto que a subsidiária norte-americana se dedicava principalmente a transações relacionadas ao Brasil - em 1987 Joseph criou o Safra National Bank of New York. O negócio experimentou um crescimento modesto até o início dos anos 1990, quando triplicou seus ativos. Nesse período, novos escritórios foram adquiridos na Quinta Avenida. Pouco depois, o Grupo Safra adquiriu o United Mizrahi Bank, um banco privado nova-iorquino com escritórios em toda a América Latina, incluindo Argentina, Uruguai, Venezuela e México. Essa aquisição trouxe para o Safra um aumento significativo em sua carteira de clientes na região.

O ano de 1988 foi de grandes conquistas para o Grupo Safra, incluindo a conclusão da nova sede

do Banco Safra na avenida Paulista, em São Paulo. O imponente prédio foi construído em um terreno que Joseph havia comprado uma década antes, no coração do centro financeiro da cidade, onde se encontram outros bancos, grandes empresas multinacionais, e entidades culturais como o MASP. Apesar de ter contratado arquitetos e construtores de destaque, Joseph supervisionou pessoalmente o projeto e sua execução. De seu escritório, rodeado de objetos de arte de todo o mundo, no 24º andar, ele observava a cidade de São Paulo.

O VALIOSO LEGADO

Os quatro filhos de Joseph juntaram-se ao pai assumindo gradualmente responsabilidades por diferentes negócios dentro do Grupo - Jacob em 1997, Esther em 2000, Alberto em 2002 e David em 2007.

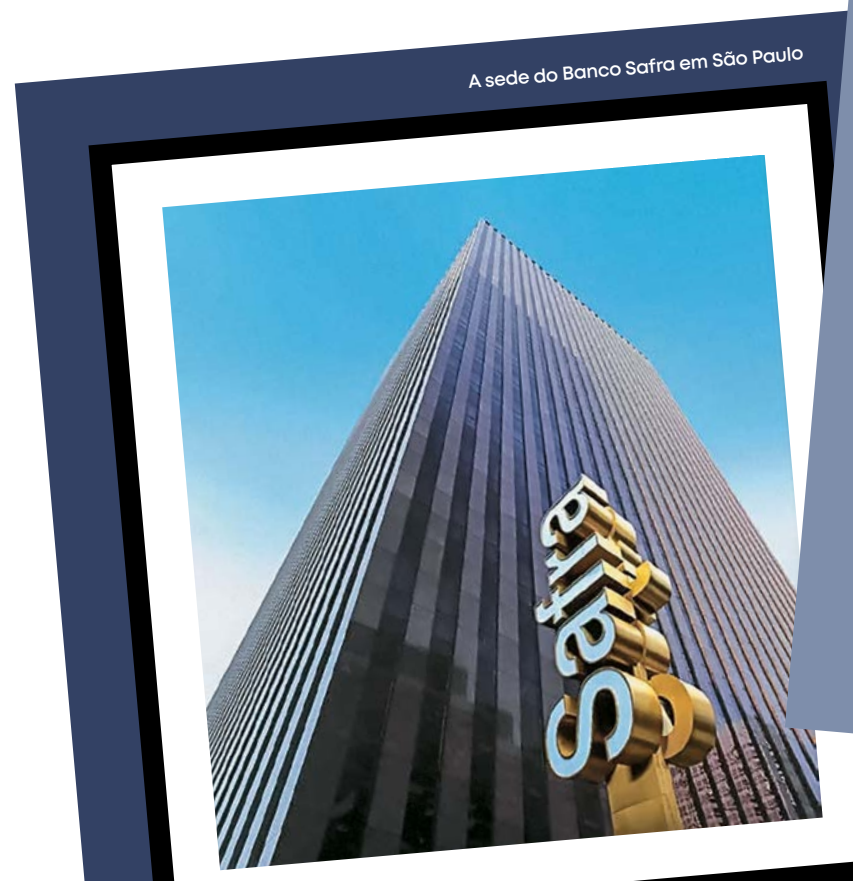
Depois de se formar bacharel em Economia e Finanças na Wharton School, University of Pennsylvania (Bacharel em Economia, Finanças), Jacob Safra mudou-se para Nova York. Entre 1998 e 2005 atuou como diretor de operações e, posteriormente, CEO do Safra National Bank of New York. Em seguida, mudou-se para Genebra, Suíça, sendo eleito vice-presidente da J. Safra Sarasin Holding.

David J. Safra também se formou na Wharton

School, em 2006, e depois de trabalhar em outras instituições, iniciou sua carreira no Grupo J. Safra. No ano seguinte, participou da criação do negócio de crédito consignado, da divisão de banco de investimento e da entrada no segmento de banco de varejo. Sob sua liderança, o Banco de Investimento criou uma série de novos produtos e expandiu sua oferta para clientes pessoa física. Também lançou o fundo de hedge Galileo, um dos mais cobiçados do mercado.

Hoje, o Grupo J. Safra é formado por empresas privadas, bancos sob o nome Safra e participações de investimentos em setores de negócios baseados em ativos, como imóveis e agronegócio. Possui ativos totais sob gestão de mais de US \$ 300 bilhões e conta com mais de 34.000 colaboradores.

O grupo continua a ter escala e forças para atender às necessidades de seus clientes. A família é a guardiã do que foi alcançado por Joseph Safra e seus ancestrais. Os sólidos princípios e valores garantirão a continuidade do grupo com desempenho e resiliência. Um legado que deve permanecer nas próximas gerações. ■



A sede do Banco Safra em São Paulo



Jacob Safra, fundador e inspirador

A ROTA DE OURO,
DE BEIRUTE A SÃO PAULO

Joseph Safra

SONHANDO COM A PAZ EM TODO O MUNDO

O relato do amigo e colaborador sobre o homem que, junto com os irmãos, trouxe para o Brasil uma fortuna familiar que estimulou e colaborou com o desenvolvimento do País. Um lugar que, para ele, simbolizava o ambiente de empatia e fraternidade que conheceu no Líbano durante sua infância

POR ROBERTO DUAILIBI

No tempo em que a rua Barão de Itapetininga - no centro de São Paulo - era chic, tive a sorte de ser contratado como redator em uma agência com escritórios na galeria Califórnia. O ano era 1955 ou 56 e eu tinha 21 anos. Ao fim do expediente, os funcionários costumavam ir a uma padaria que ficava na esquina da praça da República. Numa dessas tardes, vi um grupo de cinco jovens, super bem-vestidos, conversando entusiasmados em árabe. Pareciam felizes por algum reencontro e falavam em voz alta e

alegre. Contrastavam com o ambiente ao redor, com seus ternos de corte elegante, gravatas e calçados brilhantes. Tinham mais ou menos a minha idade.

Não pareciam os sírios e libaneses que eu conhecia da imigração. Eram evidentemente muito ricos e não teriam vindo de alguma pequena cidade do Oriente Médio. Imaginei que haviam passado por Paris antes de aportar no Brasil.

Meses depois, nossa agência recebe um convite para atender uma corretora no edifício Conde Prates, na Líbero Badaró, do outro lado do Viaduto do Chá. O dono da agência indicou o único contato para visitá-la e resolveu me levar junto.

FOTO: AGÊNCIA ESTADO



Joseph Safra criou empresas, estimulou negócios e expandiu a influência econômica do Brasil em outros continentes



Uma agência do Banco J. Safera Sarasin, em Munique

Reconheci imediatamente os jovens que falavam árabe naquela tarde. Ficamos sabendo que se chamavam Safera e haviam decidido adotar o nome para a empresa, por suas associações positivas. Fomos apresentados a dois deles, os irmãos Edmond e Joseph. Edmond pediu que eu repetisse meu nome: “Ah, Duailibi, um nome bem libanês!”

Voltamos para a agência e o contato fez um relatório dizendo que não valeria atender a conta. Por equívoco, uma cópia foi mandada para o Joseph, que era o encarregado pelo irmão mais velho de começar um programa de divulgação.

Joseph ficou furioso com o relatório, que lhe foi enviado por engano. Ao invés de ligar para o dono da agência, ou para o contato, resolveu ligar para mim. “Se a sua agência não quer trabalhar conosco, eu quero que você trabalhe”.

Na época eu era uma espécie de rei do freelance em São Paulo. Tinha um emprego fixo, mas produzia campanhas para três ou quatro outras agências, que não tinham redatores, e dois clientes diretos. E à noite ainda dava aulas de redação na Escola de Propaganda. Na verdade, trabalhava 20

horas por dia, sete dias na semana. Mas, aos 24 anos, ganhando bem e ainda fazendo uma coisa que gostava, era uma pessoa feliz.

Um cliente a mais de freelance era bem-vindo.

Joseph era uma pessoa absolutamente discreta, avessa a qualquer publicidade. Ele nasceu no Líbano, em 1938. Esta é também a origem da minha família – o que foi uma razão a mais para nos aproximarmos.

Ele contou-me então a primeira história de muitas que contaria ao longo dos anos, gostava de me ter como ouvinte e alegava que era para treinar o seu português, ele que falava perfeitamente o árabe, o francês e o inglês da escola que estudara na Inglaterra, em Brighton, com jovens de famílias de todo o Oriente.

Sempre gostei de ouvi-lo contar sobre sua infância em Beirute, que ele lembrava com saudade e nostalgia. Era uma época em que todas as comunidades religiosas viviam em harmonia. Recordava-se da casa de seus pais, no bairro de Wadi Abou Jamil. Suspirava pela infância passada perto da sinagoga Avraham Magell.

FOTO: REUTERS

Lembrava-se da figura sempre elegante do pai, e do respeito que inspirava na comunidade. Orgulhava-se de ter começado a trabalhar no banco paterno, na rua Allenby, com 12 anos de idade e aos 14 já haver captado a essência do negócio e as necessidades dos clientes mais importantes. Chamavam-no de “menino banqueiro”.

Contava como era boa a vida em Beirute e Aley, onde também tinham casa, e como as diversas comunidades se respeitavam... até 1948. O destino os obrigou a sair rapidamente do Líbano, deixando imóveis e bens e procurando outras paragens.

O que os fez escolher o Brasil? Segundo Joseph, seu pai, Jacob, procurava um país pacífico, sem guerras, sem grupos atirando pedras nas janelas de suas casas. Além do mais, já existia uma comunidade sefardita de Aleppo em São Paulo, e as notícias eram as de que viviam em paz, tinham sua sinagoga e suas instituições beneficentes. O relacionamento entre sírios e libaneses era cordial e lembrava os bons tempos de Beirute.

Por seu lado, Joseph era curioso a respeito da política brasileira. Naqueles anos 1960, em que o país assistia à disputa entre Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, eu tinha histórias para contar, pois era vizinho e amigo de Jânio, mato-grossense como eu.

Já naquela época preocupava-o a polarização política. Dizia que “só há progresso onde há paz” e “conflitos não levam a nada”.

Nos conhecemos, portanto, a trabalho. Ele começava a vida de banqueiro em São Paulo e eu, jovem redator publicitário, trabalhava na Standard Propaganda, então a maior agência brasileira. Muitos anos mais tarde, costumava brincar com

“ Sempre gostei de ouvi-lo contar sobre sua infância em Beirute, que ele lembrava com saudade e nostalgia ”

“ Contava como era boa a vida em Beirute e Aley, onde também tinham casa, e como as diversas comunidades se respeitavam... ”

ele, dizendo: “Ô Zé! Começamos juntos, mas você progrediu muito mais do que eu” – e ele ria.

Em junho de 1968, quando fui informá-lo de que estava saindo da Standard para me associar com Petit e Zaragoza, Joseph me estimulou. Disse que estava na hora, que eu precisava “atravessar a rua”. Estava tão sinceramente contente com a notícia, que ofereceu um crédito que permitiria à nossa pequena agência, apenas nascida, sobreviver durante um ano.

Daquela época até hoje, trata-se de um recorte de mais de meio século – um período turbulento, no Brasil, em que houve várias moedas, vários planos econômicos, revoluções, inflação, hiperinflação, recessões e períodos de desenvolvimento, um sem-número de empresas que abriram e fecharam as portas, e de inúmeros bancos que fundiram ou foram vendidos. Nesse clima, seu banco só cresceu.

O banco é resultado dos valores e das atitudes de Joseph. Ele sempre considerou o Brasil como uma terra de grandes problemas, mas também de grandes oportunidades, e fazia questão que todas as transações fossem rigorosamente “kosher”; na verdade, tinha um medo orgânico de ser acusado de alguma irregularidade, tanto nas transações, nos relacionamentos trabalhistas, na obediência às regras do Banco Central.

A maneira como administrou seu banco, num ambiente sempre convulsionado, mostra um estilo de atuação que deveria servir de modelo para os novos empresários e para os estudantes das escolas de finanças e administração.

Imagine-se que, nesses mais de 60 anos, conversamos sobre os assuntos mais diversos. Eu tive o prazer de desfrutar da convivência de sua

família. Particpei das festas de casamento - a dele próprio e as de seus filhos. De almoços e jantares familiares e também de eventos internacionais. É o caso dos famosos jantares do Homem do Ano em Nova York, banquetes oferecidos anualmente pela família Safra no prédio do University Club, na esquina da Quinta Avenida com a rua 54, num ambiente super tradicional, com serviço impecável, para que os brasileiros se encontrem com os maiores investidores do mundo.

Como anunciante, Joseph sempre quis participar do processo de criação e dar a última palavra em cada peça. Somente a primeira campanha que fiz para seu banco emplacou direto, sem problemas. “Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida”, frase que depois vi repetida infinitas vezes.

Recentemente, quando comprou o banco suíço Sarasin, pediu-me que redesenhasse os dois símbolos integrados - o brasão do Safra e a árvore do Sarasin -, acabamos decidindo que a fusão não era a melhor solução: os dois logotipos deveriam conviver lado a lado.

Desde o início, as decisões sobre publicidade eram sempre reservadas para os horários do fim do expediente, quando havia ainda vários assuntos para serem resolvidos; Joseph fazia questão que, ao invés de ficar sentado na antessala, eu aguardasse dentro de seu escritório, numa mesa ao lado da sua - o que foi uma oportunidade única para conhecer o nervosismo de decisões que envolviam consultas, telefonemas em várias línguas, documentos passados por telex e fax, milhões de reais, dólares ou libras.

Para a aprovação de anúncios, folhetos, volantes, era preciso sempre aprovar cuidadosamente os textos; Joseph não os lia, pedia que eu os lesse em voz alta, para que ele ouvisse, entendesse, e pedisse modificações.

Apesar de ter sido cliente de nossa agência por um curto período, conheci todos os diretores do Banco Safra. Carlos Alberto Vieira, Hiroshiro, Joseph Roberto Marcelino dos Santos, Lisbona, Simon, Puga, Corsetti, Zambaldi, o grande advogado Roberto de Campos Andrade, o Tourinho, o Sarfati, o Matatia. Além disso, a famosa secretária de Joseph, que mais tarde se provou uma grande executiva, a Muriel Selingson, que hoje opera em Nova York.

“ E testemunhei, muitas vezes, seu carinho para com a escola que sua filha Esther transformou num modelo de ensino ”

Estiva presente também em alguns momentos em que Joseph assinou doações para entidades, como na construção do novo Hospital Sírio-Libanês, da nova ala do Hospital Albert Einstein, ou quando Olavo Setúbal ligou para ele, pedindo seu apoio para a recuperação da Catedral da Sé. E testemunhei, muitas vezes, seu carinho para com a escola que sua filha Esther transformou num modelo de ensino.

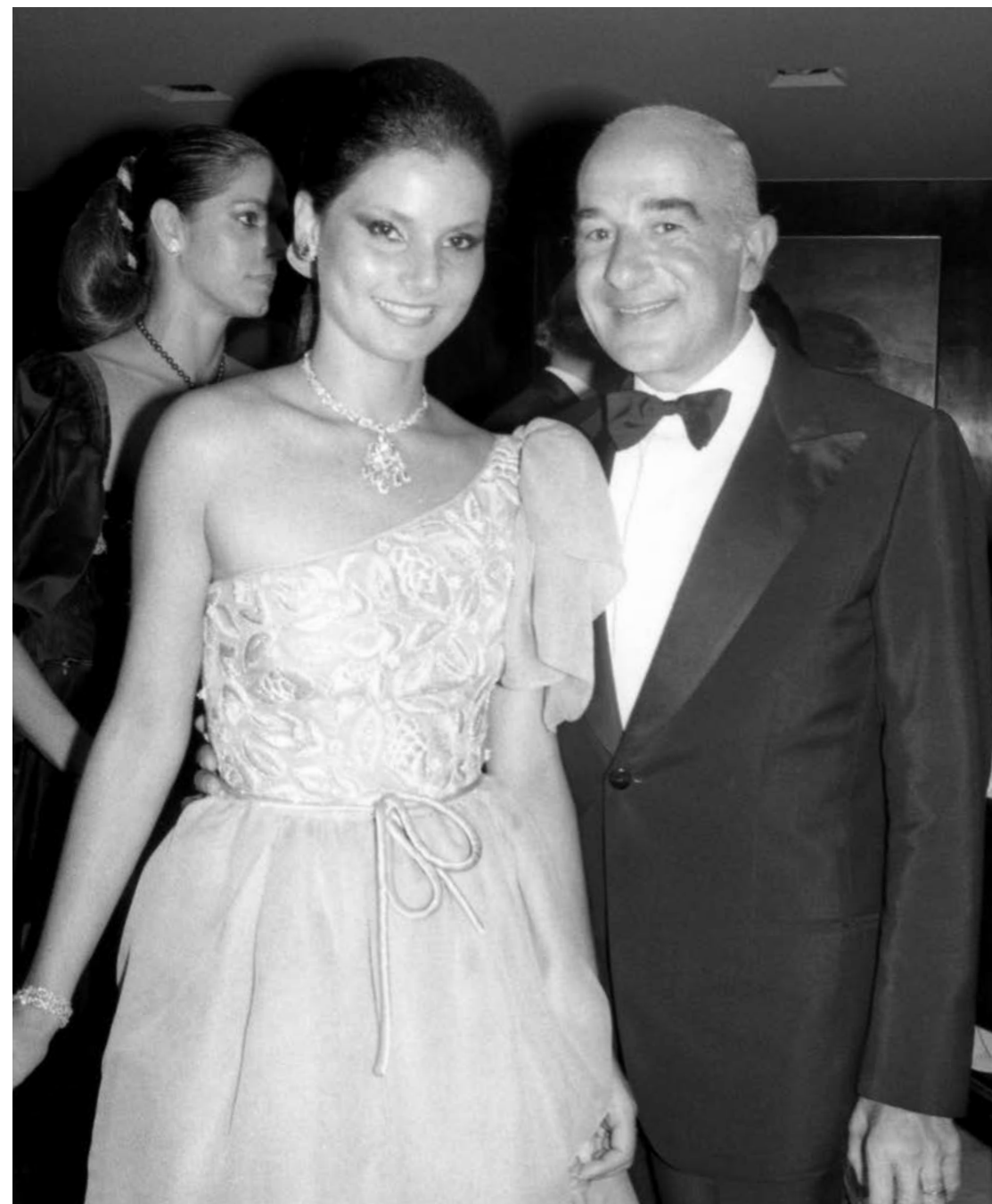
Ao longo desses anos, conversei muito com Joseph, sua família, os diretores e funcionários do banco, principalmente com Joseph Roberto Marcelino dos Santos, que registrava minuciosamente todas as decisões e documentos do banco, e sabia onde estava cada um. Foi também a pessoa que começou a coleção de arte do banco.

Sabia bastante sobre este personagem singular que foi Joseph Safra - mas havia um mundo de outras passagens interessantes de sua vida e de seu banco que mereciam ser conhecidas. Inclusive o seu sonho, recorrente, de rever um Líbano vivendo em paz, como ele o conhecera na infância.

Recordo-me agora daquele grupo que falava árabe na praça da República. O que os havia trazido ao Brasil? Eles poderiam ter ido para a Argentina, para o México, para o Canadá, muitos haviam ido para os Estados Unidos.

Sorte terem escolhido o Brasil - sorte para nós e para eles. Como, ao longo dos anos, a fortuna que traziam consigo modificou a economia brasileira - criou empresas, estimulou negócios, expandiu a influência do Brasil nos outros continentes. Um país onde impera a esperança, em um mundo conturbado. ■

Roberto Duailibi, membro da Academia Paulista de Letras



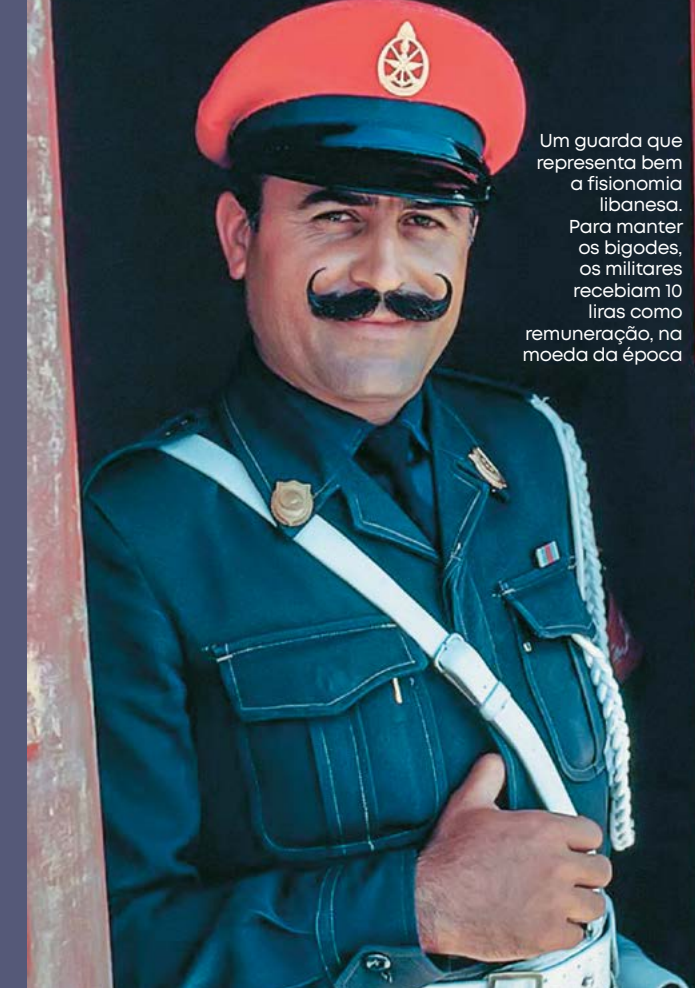
Joseph e Vicky Safra no casamento de Evelyne Bloch Sigelmann, em maio de 1983, no Rio de Janeiro



O presidente Camille Chamoun com a primeira-dama, Zalfa Tabet Chamoun. O país viveu seu melhor momento de estabilidade, riqueza e oportunidades para todos durante seu mandato, entre 1952 e 1958



O concurso de Miss Libano



Um guarda que representa bem a fisionomia libanesa. Para manter os bigodes, os militares recebiam 10 libras como remuneração, na moeda da época

O CENÁRIO PERFEITO

Carta do Líbano relembra o Líbano pós-Segunda Guerra Mundial. Uma terra de paz e prosperidade, quando Joseph Safra ingressou na idade adulta e a família de banqueiros do Oriente Médio estabeleceu as bases de sua maior expansão internacional

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Rua Weygand, 1971

Os primeiros indícios de civilização no Líbano remontam há mais de sete mil anos, porém, sua história começou efetivamente a ser escrita após o colapso do Império Otomano

A centenária trajetória da Associação Beneficente Síria começa como consequência da I Guerra Mundial. Um grupo de senhoras da comunidade árabe, em São Paulo, criou em 1918 a Sociedade Refúgio dos Órfãos para acolher crianças que perderam os pais no violento conflito. Empenhadas em atender menores carente, elas tiveram que superar inúmeros obstáculos e dificuldades, mas viram seus esforços recompensados e passaram a receber também outros pacientes em busca de cuidados. Depois de quase três décadas, em 1947, a Associação marca um grande feito: a inauguração do Sanatório Sírio de Campos do Jordão destinado ao tratamento de doenças torácicas, sob a direção clínica de Pedro Taufik Camasmie. Novamente um grande empenho e esforço para a compra de equipamentos e composição do corpo 0% de ocupação, com filas de espera para cirurgias. A instituição foi se tornando ratene, em homenagem ao primeiro diretor-geral do HCor, que veio a falecer dez meses depois. O prédio de 13 andares e cinco subsolos abriga duas salas híbridas: uma destinada à Neurocirurgia e outra à Cirurgia Cardiovascular. Ambas reúnem exames sofisticados de imagem para maior precisão e segurança aos procedimentos.

Os primeiros indícios de civilização no Líbano remontam há mais de sete mil anos, porém, sua história começou efetivamente a ser escrita após o colapso do Império Otomano, no final da Primeira Guerra Mundial, quando as cinco províncias que hoje compõem o país ficaram sob o domínio da França.

Em 31 de agosto de 1920, para honrar as promessas feitas ao patriarca maronita Elias

Hoayek, o governo francês, em um de seus primeiros atos pós-guerra, restaurou ao Líbano suas fronteiras históricas. Na ocasião, o general Gouraud proclamou a formação do Estado do Grande Líbano, tendo Beirute como capital. Nesta data, houve a reunificação de todos os territórios anteriormente separados – a própria Beirute, as cidades marítimas Tripoli, Sidon e Tiro, e as áreas do interior Baalbek, Bekaa, Hasbaya, Rachaya e Marjayoun. No dia seguinte, 1º de setembro, o general declarou o país independente. Apesar disso, a amizade entre as duas nações era um tanto frágil.

Ao mesmo tempo em que a França levou ao Líbano paz e civilização, fazendo seus cidadãos deixarem no passado os pesadelos vividos na época do Império Otomano, seus altos comissários (general Gouraud, de junho de 1920 a maio de 1923; general Weygand, de maio de 1923 a dezembro de 1924; general Sarrail, de dezembro de 1924 a novembro de 1925, e senador Henri de Jouvenal, de novembro de 1925 a setembro de 1926, só para citar alguns), atuavam como colonialistas autoritários. Com isso, acabaram provocando descontentamento e revolta. Mas, com a ajuda dos liberais na própria França, formou-se um movimento que levou, no dia 23 de maio de 1926, à proclamação da República e a criação da primeira constituição libanesa. Essa constituição adotava um sistema bicameral, ou seja, de Parlamento e Senado, e contava com um presidente eleito pelas duas câmaras. O Senado foi abolido em 17 de outubro de 1927, e nunca mais restabelecido. O Poder Legislativo, então, passou a pertencer a uma câmara única, o Parlamento. Ainda assim, o governo francês detinha o poder, inclusive com autoridade para dissolver o Parlamento e suspender a Constituição.

Em 26 de maio de 1926, Charles Debbas foi



Antigo ícone da hotelaria de luxo em Beirute, o hotel São Jorge, 1958



Alfaiate do tradicional traje oriental masculino



Bechara el-Khoury, primeiro presidente do Líbano independente



Atendente do Cassino do Líbano



O poeta e músico Assi Rahabani com Fairouz e Um Kalthoum, astros do mundo árabe



Vista geral de Beirute em 1968



Charles Malik, diplomata libanês e redator da Declaração Universal dos Direitos Humanos



Ramlet al-Bayda nos anos 1960



Passeio à beira-mar, Beirute nos anos 1960



Zeitouneh, Beirute, nos anos 1960



Riad Solh, primeiro-ministro e um dos heróis da independência do Líbano, junto a seu pai, Reda Solh, 1924

eleito o primeiro presidente da República do Líbano. Depois vieram Habib al-Saad, em 1932, e Emile Eddé, em 1936. Em setembro de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial e a ocupação da França pelos nazistas, no ano seguinte, o governo colaboracionista de Vichy nomeou como alto comissário o general Dentz, que depôs o presidente Emile Eddé e designou Alfred Naccache como chefe de Estado.

NA GUERRA, UM CAMINHO PARA A LIBERDADE

Em 1941, as forças da França Livre, comandadas por Charles de Gaulle, e as forças britânicas invadiram o Líbano e a Síria, expulsando o Governo de Vichy. Depois dessa ação, e para ganhar a simpatia das populações dos dois países, proclamaram mais uma vez a independência de ambos, em 8 de junho. A vitória das forças aliadas fez o governo francês

relaxar (mais uma vez) em relação às promessas feitas, mas a pressão popular o lembrou e, assim, o general Catroux, novo alto comissário no Líbano, declarou – pela terceira vez – a independência, em 26 de novembro de 1941, imediatamente reconhecida pelos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e países árabes e asiáticos.

Nesse período, Ayoub Tabet foi nomeado chefe de Estado, substituindo Alfred Naccache. Apenas três meses depois, entrou em seu lugar Pedro Trad. Em 29 de agosto de 1943, houve eleições legislativas, e o novo Parlamento escolheu Bechara el-Khoury como presidente e passou a revisar a Constituição para, enfim, efetivar a independência, abolindo os artigos que davam poderes ao Alto Comissariado francês. A reação da França veio na sequência. Em 11 de novembro do mesmo ano, o alto comissário Helleu mandou um destacamento senegalês prender

o presidente, o primeiro-ministro e outros membros do governo e do parlamento libaneses que foram encarcerados no Forte de Rachaya.

Suspensa a Constituição e dissolvido o Parlamento, Emile Eddé assumiu como chefe de Estado. Mas a população do país não ficou calada, sendo apoiada pelos países árabes e a opinião pública mundial, especialmente a anglo-americana. A França, então, recuou, e libertou os políticos em 22 de novembro de 1943, data que passou a ser celebrada como o Dia da Independência do Líbano.

Um acordo selado entre as duas nações determinava a retirada das tropas francesas do território libanês 31 de dezembro de 1946, iniciando uma nova era no país. E, apesar dos muitos abusos e falhas, todo esse período trouxe benefícios: colocou o Líbano em contato com civilizações e culturas mais adiantadas e ricas - Beirute tornou-se a Paris do Oriente - e o fez tomar consciência de seus poderes, preparando o país para viver uma de suas épocas mais brilhantes.

UM PERÍODO DE PROSPERIDADE E SONHOS

A partir de 22 de novembro de 1943 o Líbano finalmente começou a agir novamente como nação soberana e, aos poucos, foi restabelecendo os serviços e as responsabilidades que ainda estavam sob a autoridade da França. Em 27 de fevereiro do ano seguinte, declarou guerra contra a Alemanha e o Japão e, em 22 de março, se uniu com mais seis países árabes independentes fundando a Liga dos Estados Árabes. No mesmo ano, participou da Conferência de San Francisco e tornou-se membro-fundador da Organização das Nações Unidas (ONU). Também assinou tratados, tomou parte em congressos internacionais e enviou missões diplomáticas às principais capitais do mundo.

Junto com a estrutura internacional, o país teve a oportunidade de edificar seu modo de vida, com o culto à liberdade, confiança na iniciativa privada, respeito pela diversidade de pensamento, de sentir e de viver, estímulo à competição criadora, fé nos valores humanos e obediência à legalidade, conhecendo um período de muito progresso. Nação privilegiada pelo clima, localização, riquezas, história e população, o Líbano viveu, de 1943 a 1975 como uma república democrática, com lutas políticas e crises sociais desenvolvidas dentro de

instituições básicas e respeitadas por todos. O Poder Legislativo era exercido por um Parlamento formado de quatro em quatro anos através do voto, e pelo Poder Executivo, com um presidente escolhido pelo Parlamento para um mandato extensível de seis anos.

Durante todos essas três décadas, nenhum Parlamento foi dissolvido e nenhum presidente derrubado. Os mandatários do país foram Bechara el-Khoury (advogado, que começou sua missão antes da consolidação da independência e finalizou-a em 21 de setembro de 1952), Camile Chamoun (também advogado, ficou no cargo de 22 de setembro de 1952 até 21 de setembro de 1958), Fouad Chehab (general, de 22 de setembro de 1958 até 21 de setembro de 1964), Charles Helou (jornalista, de 22 de setembro de 1964 até 21 de setembro de 1970), Suleiman Frangieh (líder popular, de 22 de setembro de 1970 até 21 de setembro de 1976) e Elias Sarkis (funcionário público, a partir de 22 de setembro de 1976).

Composto por diversas comunidades religiosas (mulçumanas e cristãs), o governo dividiu entre elas os cargos públicos mais importantes. Os 99 deputados que compunham o Parlamento pertenciam a elas, proporcionalmente à importância de cada uma. O Poder Executivo obedecia à mesma orientação – o presidente da República era maronita; o presidente do Conselho de Ministros, sunita; e o presidente do Parlamento, xiita. Os ministérios também foram distribuídos entre as diversas seitas, com flexibilidade cada vez mais acentuada. Reconhecidamente imperfeitas, e possivelmente até consideradas arcaicas e perigosas, essas disposições institucionais garantiram mais benefícios do que mazelas ao país, sendo o principal deles a paz interna.

Houve momentos de luta pelo poder, como em 1958, ainda assim a unidade da nação não foi quebrada, o que garantiu a sua prosperidade, tanto na política quanto na vida em geral (profissional, social, cultural e econômica). A liberdade conquistada – de expressão e ideológica, inclusive – foi reconhecida internacionalmente e era quase exceção no Oriente Médio, uma região cercada por guerras.

Seus principais jornais, como “An-Nahar”, “Al-Anuar”, “L’Orient-Le Jour” e “The Daily Star”, e revistas, como “Revue Du Liban”, “Magazine”, “Al-Usbuh Al-Arabi”, “Ach-Chabaka”, “As-Sayad” e “Al-Hauadess”, por exemplo, ganharam notoriedade

A capital, inclusive, ultrapassou as ricas Tiro e Sidon, destacando-se por seu mercado de ouro, lojas e hotéis de luxo, universidades, vida social

mundial. O governo também permitia sátiras e paródias, sendo o Théâtre dès Diz Heures (em francês) e os Shows de Chuchu (em árabe), com suas críticas ferozes, as mais célebres revistas teatrais das agitadas noites de Beirute. O Líbano prezava a paz e a independência em todos os aspectos.

Também no período, o Líbano, que não produz carros, possuía mais veículos por habitante do que os grandes países fabricantes, como Rússia, Itália e Japão. Importava-se cinco vezes mais do que se exportava e não parava de crescer. Os produtos eram os mais variados: queijos, cervejas, conservas, tecidos, vinhos... As bases financeiras eram a libra libanesa e os bancos. Garantida por até 90% de seu valor em ouro e 10% em divisas raras e receitas governamentais, a moeda manteve o mesmo valor durante 30 anos, época na qual até o franco-suíço sofreu flutuações.

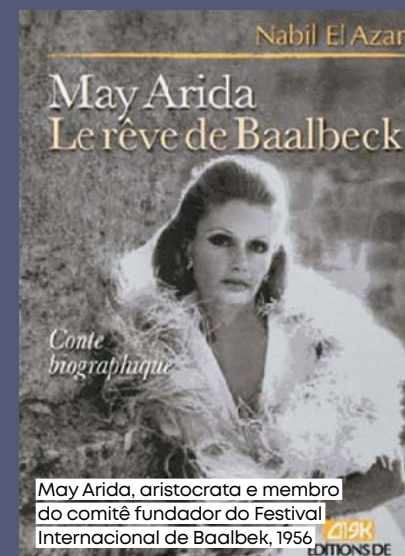
Os bancos do país entraram para história por, bem no meio da crise monetária global - que seguiu o primeiro aumento no preços do petróleo, em 1973 - apresentar excesso de liquidez. As principais instituições financeiras mundiais (italianas, francesas, norte-americanas, suíças, japonesas e até mesmo as russas) tinham sucursais ou representantes em Beirute. Noventa e quatro bancos constituíram o "Dólar-duto" ou "Ouro-duto", através do qual escoavam os bilhões do petróleo em busca de aplicações internacionais, e os capitais ocidentais, que fluíam sob a forma de mercadorias, aparelhos sofisticados e máquinas. Diversas multinacionais também contavam com centro de operações em Beirute, para todo o Oriente Médio. A capital, inclusive, ultrapassou as ricas Tiro e Sidon, destacando-se por seu mercado de ouro, lojas e hotéis de luxo, universidades, vida social, restaurantes, boates e prédios em refinado estilo

internacional. Só para se ter ideia do dinamismo e da vibração daquele momento, o jornalista britânico F. Edwards escreveu em seu livro sobre o Oriente Médio, que Beirute provavelmente tinha mais milionários por metro quadrado do que qualquer outra parte do mundo, com exceção de Nova York.

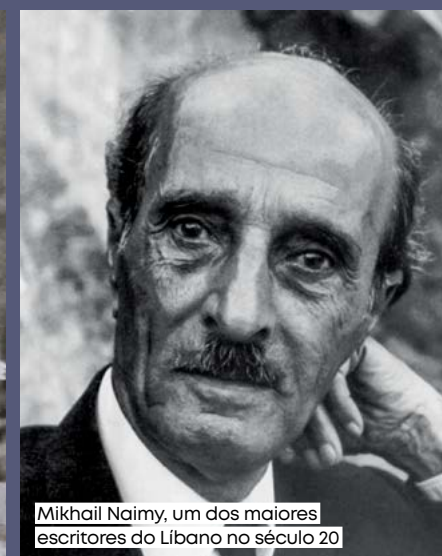
E o progresso não estava presente apenas nas altas classes e áreas nobres. Na verdade, ele se estendeu por todo o país, deixando a pobreza de lado. Nas aldeias agrícolas do Monte Líbano, ninguém mais fazia trabalho braçal - todos os anos, milhares de operários sírios atravessavam a fronteira para exercer essas atividades - e não havia empregadas domésticas (organizações especializadas as levavam de países africanos e das Ilhas Seychelles, no Oceano Índico).

A prosperidade deu ao Líbano um aspecto de civilização diferente de qualquer outra, pois lá se mesclavam o refinamento do Oriente e do Ocidente. Em seu cassino eram exibidos shows mais suntuosos do que do Lido de Paris. O Festival Internacional de Baalbek era realizado todos os anos, e contava com apresentações da Orquestra Sinfônica de Nova York e do Coral da União Soviética, entre outros, e encenações de peças de Shakespeare e Racine por companhias teatrais de Londres e Paris. Foi uma época de ouro e sonho para os libaneses, dando até a impressão de que o país ficava em uma ilha isolada, mas ao mesmo tempo totalmente conectada com o resto do mundo.

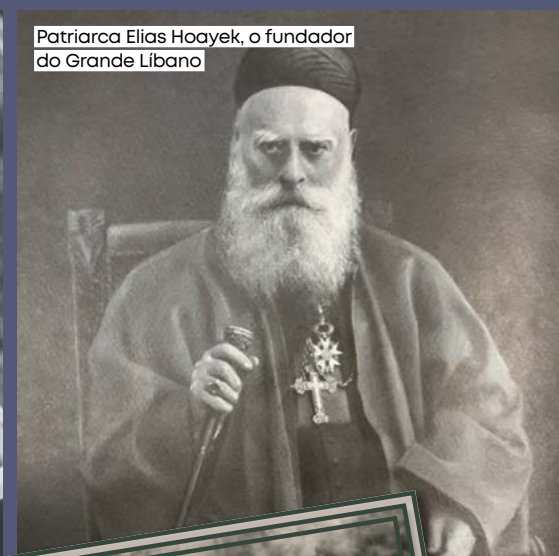
Ainda assim, muita gente sentia medo e o cheiro do perigo. Tudo parecia bom demais para ser verdade. E, infelizmente, os temores se concretizaram em abril de 1975, destruindo tudo o que se levou anos para construir. A partir de então, o Líbano nunca mais foi o mesmo. ■



May Arida, aristocrata e membro do comitê fundador do Festival Internacional de Baalbek, 1956



Mikhail Naimy, um dos maiores escritores do Líbano no século 20



Patriarca Elias Hoayek, o fundador do Grande Líbano



A tradicional rua Bab Idriss nos anos 1930



Pedestres na famosa rua Hamra, 1971



Os astros da música libanesa, Wadi Safi e Sabah



Joalheiro e clientes, Beirute

ARTIGO

LÍBANO NA ENCRUZILHADA: REFLEXOES PESSOAIS

Um diplomata estrangeiro - chefe da Missão Britânica em Beirute - fornece uma visão preocupante, porém otimista - dos caminhos decisivos que devem ser percorridos pelo país rumo a um futuro melhor. Maior independência política e condições sociais e econômicas mais dignas para os libaneses

POR MARTIN LONGDEN

Houve tempos melhores para ser chefe da Embaixada Britânica no Líbano. As crises que afetam este país maravilhoso e conturbado - da explosão do porto à pandemia de Covid e o colapso econômico - embotaram o brilho do Líbano, empobrecendo as pessoas e colocando as instituições do estado e o setor privado sob pressão intolerável. Sem nenhuma perspectiva de um governo capaz de controlar a situação, a situação parece cada vez mais precária.

No entanto, minha mensagem ao deixar

Beirute não é apenas de profunda preocupação, mas também de esperança. Pois vejo no Líbano um lugar que, apesar de todos os seus problemas profundamente graves, mantém um potencial incrível. Esta terra dos cedros é verdadeiramente surpreendente: de grande beleza natural - das montanhas ao mar, de uma cultura rica e diversa e de um povo cujo trabalho árduo e criatividade rivalizam com qualquer outro no Oriente Médio - e além.

Mas você só dará início a esse futuro melhor se puder livrar-se dos grilhões de sua história. E mudar fundamentalmente a maneira como a política e o governo são feitos aqui. O Líbano hoje

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O diplomata britânico, Martin Longden, em visita a Sidon, sul do Líbano

está talvez na encruzilhada mais importante de todos os tempos: por qual caminho você seguirá?

Perdoe minha franqueza, mas há algo podre no coração do Líbano. O fracasso, até agora, em responsabilizar alguém pela desastrosa explosão portuária no verão passado é apenas o exemplo mais dramático da impunidade e irresponsabilidade que caracterizam grande parte da vida libanesa. As instituições são subvertidas; interesses especiais são protegidos; e a milícia do Hezbollah opera livremente, não prestando contas a ninguém além de si mesma. O resultado? Uma elite enriquecida, pois o povo libanês perde a cada passo.

Discuti o impasse político do Líbano e a deterioração da situação com quase todos os matizes da elite dominante. Avisei sobre os riscos que correm e sobre os danos que estão sendo causados à vida das pessoas. Instei-os a firmar um compromisso que possa estabelecer um governo de base ampla, com autoridade para empreender as reformas e garantir o apoio do FMI que é tão desesperadamente necessário. Porém lamento que minhas palavras, como as de outros amigos internacionais do Líbano, caíam em ouvidos surdos.

E isso é um problema. Porque embora o Reino Unido sempre faça o que puder para apoiar o povo libanês - com uma forte ligação histórica de auxílio significativo para a segurança, educação e

direitos humanos - essa assistência não pode ser um substituto para a ação urgente dos políticos libaneses. A comunidade internacional não pode impedir a queda do Líbano.

Seria fácil descartar a elite política do país como inatingível e corrupta. Infelizmente, muitos são assim. O problema, no entanto, é mais profundo do que apenas isso. Pois um sistema político enraizado nas divisões do confessionalíssimo simplesmente não pode ser a base para um país bem-sucedido do século 21.

Durante décadas, o verdadeiro propósito do "sistema" libanês não foi cuidar dos interesses nacionais, mas "equilibrar" os interesses dos grupos rivais. Alguns me dizem que isso é o necessário para evitar que se rache o delicado mosaico libanês. Talvez. Com certeza é importante garantir que a diversidade do país seja respeitada

“ No entanto, minha mensagem ao deixar Beirute não é apenas de profunda preocupação, mas também de esperança ”



Apesar de tudo, o Líbano vai superar suas crises e recuperar a autoestima

e protegida em seu âmbito. Mas qual foi a consequência desse sistema?

Tem sido o foco, em um jogo de zero a zero, garantir que cada grupo não receba menos de sua parte da riqueza e dos recursos do Líbano, daquilo que acreditam que lhes é devido. E nesse esforço implacável para controlar o poder, os líderes do Líbano gastaram seus recursos de forma imprudente - muito além do que realmente poderiam pagar. Agora o país se encontra à beira da insolvência. A elite política estava tão focada em dividir o bolo que nunca pensou em como fazer um bolo maior.

Alguns dizem que é a região que impede o progresso. O Líbano é um país pequeno - um lugar no qual as linhas de fratura e os tremores da geopolítica de outros se manifestam. Com certeza seus vizinhos são difíceis: várias potências estrangeiras se interessam muito pelo que

acontece aqui. Suas agendas nem sempre são favoráveis. Mas o instinto confessional de confiar mais em potências estrangeiras do que em outros libaneses não ajudou. Quanto mais fraco e dividido o país, mais vulnerável o Líbano se torna em relação aos outros. Um Líbano neutro, desassociado dos outros conflitos da região, é uma característica essencial para um futuro melhor. E seria um erro fatal concluir que o Líbano deve esperar que outras nações se reconciliem antes que a mudança possa acontecer aqui.

Nada disso é fácil de fazer: nada valioso e importante é. Mas, em meio ao nosso desespero atual, acredito que a mudança pode e vai acontecer no Líbano. No mês passado, fiz uma excursão de dois dias pelo Sul, viajando até Bint Jbeil. Um dos destaques foi visitar uma escola pública rural e conhecer os jovens para ouvir seus pontos de vista e aspirações. Eles são - em todos os sentidos - o futuro do Líbano. Pois trata-se de uma geração menos marcada pelas divisões da guerra civil. E também mais unidos, por meio da tecnologia, com seus pares em todo o mundo: eles veem o mundo além do Líbano - e, portanto, aquilo que é possível aqui.

Não acredito que as práticas antigas e corrompidas irão suportar a impaciência dos jovens por um futuro melhor, e nem deveriam. No fundo, é isso que me dá esperança para o futuro do Líbano: enquanto a nova geração cavalga em resgate da velha. E o Reino Unido, como amigo de longa data e parceiro do povo libanês, terá orgulho de viajar com você. ■

“ O Líbano é um país pequeno – um lugar no qual as linhas de fratura e os tremores da geopolítica de outros se manifestam ”



O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/



A anfitriã Marly Mansur (segunda à esq.), entre o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, e sua esposa Ana Paula. À esq., Karla Mansur



General Eugênio Pacelli e Helena Mottin



Claudia Azkoul e Fabio Arruda



A mesa de doces

DELÍCIAS E HOSPITALIDADE LIBANESAS EM HOMENAGEM AO VICE MOURÃO

Sob a batuta de Marly Mansur e Ana Karin de Andrade - anfitriãs impecáveis - um jantar em São Paulo reuniu amigos e personalidades do setor empresarial em torno do casal Ana Paula e Hamilton Mourão

Um jantar libanês homenageou o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão e sua esposa Ana Paula, em São Paulo. Promovido pela empresária e socialite Marly Mansur - que abriu os salões

de sua residência - e Ana Karin de Andrade, presidente do Instituto Mulheres Solidárias, o evento reuniu 50 pessoas no bairro do Morumbi.

A anfitriã Marly Mansur ressaltou que o jantar para o casal seria uma nova história a ser contada. O general agradeceu e falou sobre o Líbano e a influência da cultura árabe no mundo.

Entre as delícias servidas - com assinatura da chef Vera Nassif - o destaque ficou com o arroz



Dit etur, nusaerc hillenis explaceaqui nitint acero bearum la volor aut qui rem sendi sed quundel

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Jacob e Marly, Ana Karin Andrade, o general de divisão João Challela Júnior e o general da brigada, Carlos Eduardo Barbosa da Costa, chefe do Estado-Maior do Comando Militar



Karla Mansur com Paulo e Ana Luiza de Orleans e Bragança Mansour



Marly Mansur entre Omar e Ana Luiza Miranda Mansour



Claudia Azkoul e Fauzi Hamuche



A mesa repleta de delícias da cozinha libanesa



Coronel Hélio Araújo, assessor especial do vice-presidente, entre Marly Mansur e Ana Karin Andrade



Helena Mottin e Laly Ortiz Mansur

de carneiro feito, um dos pratos favoritos do homenageado.

Muitos elogios também foram feitos a Paola Moroni, responsável pela ambientação, um encantador compositó de flores da estação, velas decorativas e cascatas de orquídeas.

O encontro contou ainda com a participação de várias personalidades empresariais. Destaque para Fauzi Hamuche, presidente da CAVEES, a mais influente e importante Confraria de São Paulo. Entre os presentes, encontravam-se seis cônsules, entre eles Carmen Ruetter, cônsul da Geórgia.

No encerramento da noite, o tenor Jorge Dorian e o violinista Thiago Corsa apresentaram um repertório de clássicos favoritos de todos, como a canção “Amigos Para Sempre”.

A anfitriã Marly Mansur ressaltou que o jantar para o casal seria uma nova história a ser contada



Karla Mansur entre o violonista Thiago Cossa e o tenor Jorge Durian



Marly Mansur e Jacob Zucchy com Licibety e Eduardo Fakiani



A mesa principal do jantar

Entre os presentes, encontravam-se seis cônsules, entre eles Carmen Ruelle, cônsul da Georgia

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/



PEDRO SIMON, 91 ANOS E UM SONHO: RETORNAR AO LIBANO

Ex-senador e personagem de destaque da recente história política do Brasil, o descendente de libaneses falou à Carta do Líbano sobre suas origens, o amor pela pátria dos antepassados e o legado de ética e dignidade herdados do pai

POR TATIANA CSORDAS

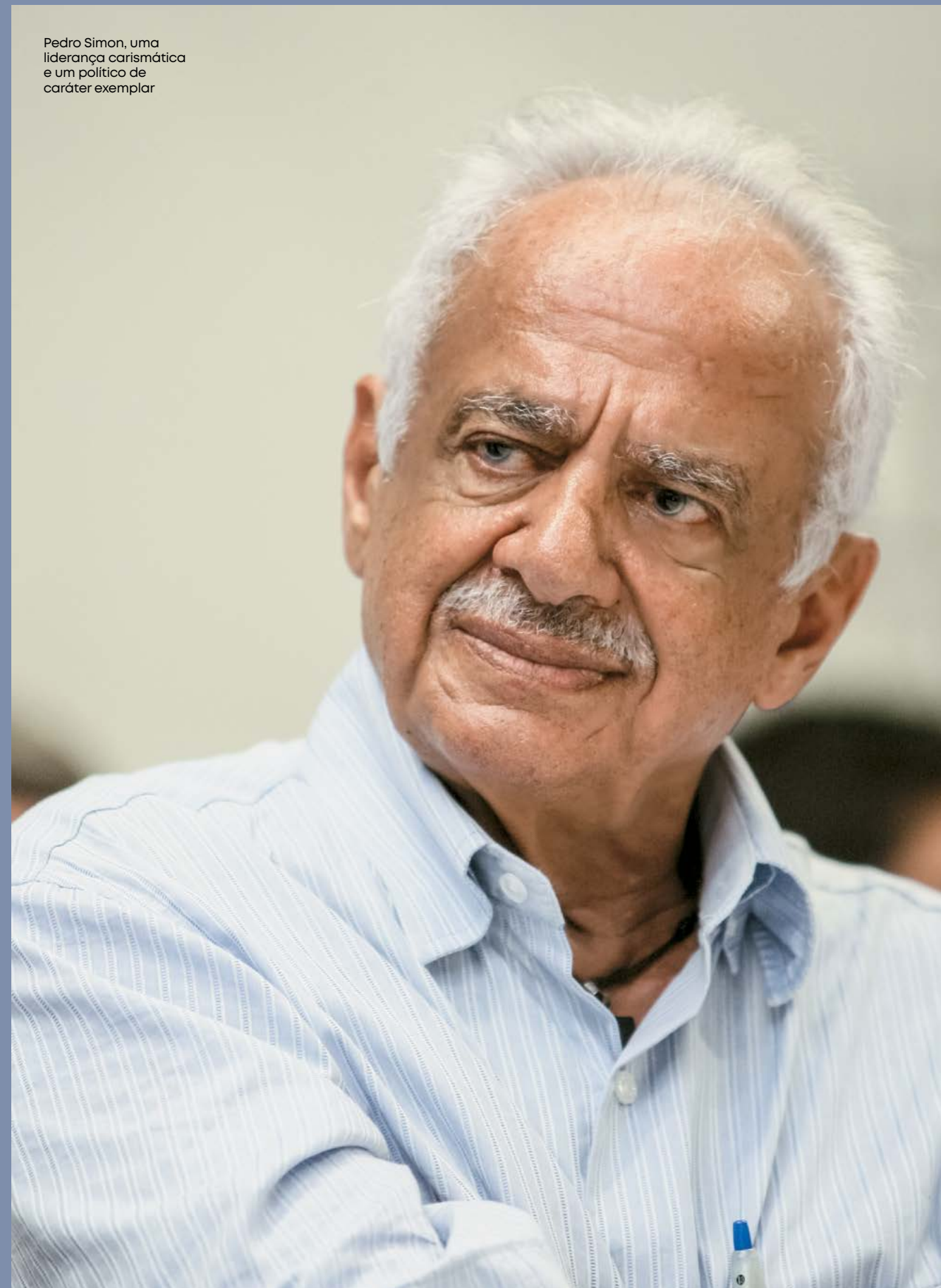
Ao comemorar 90 anos, em janeiro de 2020, o ex-governador, ex-ministro e ex-senador da República, Pedro Simon, recebeu jornalistas de todo País em sua casa de praia, no balneário de Rainha do Mar, no litoral norte gaúcho. Com a reportagem da Carta do Líbano a conversa foi um pouco diferente. Além das conquistas na política nacional, Simon abriu o coração e deixou aflorar a emoção ao falar de suas origens, da lembrança exemplar do pai, Jorge Simon, e do amor pelo Líbano, terra para a qual ainda almeja retornar.

Nascido em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, esse descendente de libaneses é advogado e professor universitário, mas foi na política que conquistou

o seu estado e o resto do País. Foi governador de 1987 a 1990, além de exercer dois mandatos como senador (1979- 1987 e 1991-2015) e ocupar a pasta do Ministério da Agricultura entre 1985 e 1986. Nessa longa trajetória, presenciou e protagonizou alguns dos principais episódios na retomada democrática, como a campanha pelas Diretas Já, ao lado de um dos mais ferrenhos opositores da ditadura civil-militar, Ulysses Guimarães.

Esse percurso começou muito antes, ainda no Líbano, em el-Kfour, uma pequena cidade situada cerca de 80 quilômetros ao norte de Beirute, em uma região montanhosa, de onde vieram para o Brasil primeiro seus tios e, em seguida, seus pais. Os tios, Emílio e Melger, chegaram em 1920 e seguiram a rota iniciada por outra família libanesa, os David, que se encontravam no País desde 1898, estabelecidos na

Pedro Simon, uma liderança carismática e um político de caráter exemplar



FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Meus primos tinham uma representação comercial e vendiam tecido. Quando terminava a venda, sobravam umas amostras grandes e minha irmã Alice fazia roupa para mim com os retalhos”

Serra Gaúcha. Os primeiros imigrantes libaneses se inspiraram na prosperidade dos imigrantes italianos que já viviam em Caxias do Sul.

DE EL-KFOUR PARA CAXIAS DO SUL

Em 1922, veio a segunda leva de imigrantes da região libanesa de el-Kfour. Jorge Simon e a esposa Jalila chegaram acompanhados das filhas Alice e Salém - os filhos mais novos, Hilda e Pedro, nasceriam em solo brasileiro. “Viemos nós, os Simon, os Salomão, os Alfred, os Sehbe, os Davi e os Dib. Saíram do Líbano, foram para Marselha, na França, e dali vieram para o Rio de Janeiro, de navio. Também de navio seguiram para o porto de Rio Grande e Porto Alegre, depois foram para Caxias do Sul, onde se estabeleceram”, detalha Pedro Simon.

A história dos Simon, nos primeiros anos de Brasil, foi marcada pela tragédia. Os tios Emílio e Melger foram assassinados em uma briga, durante as comemorações do Natal. Jorge Simon, que mal sabia falar português, teve de assumir o comércio da família e a criação dos sobrinhos. Sua esposa, Jalila, morreu quando Pedro tinha apenas dois anos. Coube ao pai e aos tios, Olga e Nicolau, a educação do menino, que sempre tratou Olga como mãe.

Foi uma infância sofrida, com doenças: “Até os 12 anos de idade, eu tinha uma vela na mão, ‘morre-não-morre’. Aí veio um médico, que estava de passagem, e recomendou que fosse separada uma panelinha especial para minha comida e que eu me alimentasse só com uma canja de galinha”, recorda. E o garoto franzino atingiu a marca dos 91 anos, em 31 de janeiro de 2021.

Quando criança, Pedro também teve de conviver com dificuldades financeiras. Seu pai costumava receber bilhetinhos da Escola Nossa Senhora do Carmo alertando que, se não fosse efetuado o pagamento das mensalidades atrasadas, o menino não poderia fazer as provas. Além das despesas com

o filho, Jorge ainda tinha de arcar com os custos do internato em Ana Rech, um distrito de Caxias do Sul, onde estudavam as três filhas, Alice, Salém e Hilda.

Hoje, Pedro Simon ri com ternura da lembrança de algumas das privações que passava na época. “Meus primos tinham uma representação comercial e vendiam tecido. Quando terminava a venda, sobravam umas amostras grandes e minha irmã Alice fazia roupa para mim - calça curta e casaco - com os retalhos. Meus colegas de brincadeira riam e eu dizia: ‘Vocês não entendem. Essa é a última moda do Rio de Janeiro’. Digo que eu lancei essa moda da roupa rasgada, esfarrapada”, diverte-se.

Aluno aplicado, Pedro se destacou nos estudos. Até que em uma Semana da Pátria, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, houve um concurso de oratória no Colégio Nossa Senhora do Carmo. O rapazinho nunca tinha falado em público, mas foi chamado a participar. Falou, disse e ficou em segundo lugar. Em primeiro ficou José Bisol, que também fez carreira política e chegou a ser senador. Assim nasceu o político Pedro Simon, aos 13 anos de idade, sendo o primeiro cargo de presidente do grêmio estudantil.

UM ENCONTRO COM O PRESIDENTE ITALIANO

O jovem Pedro Simon tinha um sonho. Fazer a sua cidade e o seu estado prosperarem ainda mais. Para isso, queria trazer para o Rio Grande do Sul uma montadora de automóveis. A visita do presidente da República da Itália, Giovanni Gronchi, durante a Festa da Uva de 1958 parecia um bom pretexto para buscar essa oportunidade.

Gronchi, que era uma pessoa ligada à cultura e à arte, havia ficado encantado com Caxias do Sul, tanto que estendeu sua visita por mais dois dias. Em uma conversa com Pedro Simon, ele perguntou o que poderia fazer pela cidade. Simon então lhe falou das grandes indústrias metalúrgicas da região, como



Filiado ao MDB desde 1965, a trajetória de Simon no partido foi marcada pela oposição à ditadura civil-militar



Ao lado de Orestes Quêrcia, na caminhada pró-diretas em Capão da Canoa, no litoral gaúcho

Em 1984, em manifestação pelas Diretas Já, com Ulysses Guimarães



Com a edição histórica do Coojornal sobre a morte de João Goulart



Ele esteve à frente das manifestações pela anistia dos que tiveram de partir para o exílio durante o regime ditatorial e pelas Diretas Já, com Tancredo Neves e Ulysses Guimarães

Eberle, Marcopolo e Randon, além das pequenas fábricas que forneciam para o setor automotivo. Faltava apenas uma montadora.

Na época, apenas São Paulo possuía indústria automotiva no Brasil. Foram iniciadas as negociações para trazer a Fiat para Caxias do Sul. Um executivo italiano montou uma proposta, mas Minas Gerais ofereceu outros benefícios e o prefeito de Caxias declarou que não participariam de um leilão. Resultado: a Fiat se instalou em Betim, Minas Gerais, em 1973, para frustração de Simon.

Em outro episódio, quando a GM já havia se instalado no estado, Simon novamente se empenhou em trazer a Ford. Era o governo do peemedebista Antônio Brito - sucedido pelo governador petista Olívio Britto - que acabou não cedendo às condições impostas pela empresa e mais uma vez os gaúchos ficaram sem uma montadora, que dessa vez foi para a Bahia. Essas histórias ficaram no passado, mas Simon se manteve como uma figura de conciliação e de buscar soluções mais prósperas e democráticas para seu estado.

A ARTICULAÇÃO POLÍTICA COMEÇOU EM CASA

O exemplo conciliatório veio de casa e do Líbano. O pai de Simon dizia que a política brasileira era muito confusa. “No Líbano, nós nos acertamos. Lá funciona o Parlamentarismo. Tínhamos os muçulmanos e os cristãos. A presidência da Câmara dos Deputados fica com um grupo, o primeiro-ministro com outro grupo, o presidente da República com outro e nos acertamos.”, recorda o político sobre a fala paterna. Jorge Simon tinha muito orgulho do Líbano, porque naquela confusão que era o Oriente Médio, o país estava bem. Havia mais cultura e a universidade francesa. “Meu pai era muito importante na cultura familiar. Era ele quem dava as orientações e a gente tinha que segui-las”, lembra.

Essas referências de um país onde os diferentes movimentos eram respeitados inspirou Pedro Simon em uma de suas principais batalhas: a luta pela democracia. Ele esteve à frente das manifestações pela anistia dos que tiveram de partir para o exílio durante o regime ditatorial e pelas Diretas Já, com Tancredo Neves e Ulysses Guimarães.

No Rio Grande do Sul, ele liderou grandes manifestações em Cachoeira do Sul, Capão da Canoa e Porto Alegre. Simon recorda com carinho da caminhada do dia 19 de fevereiro de 1984, que reuniu 50 mil pessoas pela orla, avenidas e ruas de Capão, no litoral norte gaúcho: “Foi espetacular ver as pessoas que estavam ali no seu momento de lazer, abandonar o descanso e ingressar na nossa luta”.

O Líbano sempre foi uma referência em sua vida, mas só bem mais tarde, já como senador da República, que Pedro Simon pode visitar o país uma única vez. Infelizmente, o ano era 2006, em plena Guerra do Líbano, durante o conflito árabe-israelense. “A experiência foi muito triste. O confronto entre judeus e palestinos atingiu Israel, que começou a atacar o Líbano”, lamenta.

Pedro Simon estava no Egito, havia passado por Israel e de lá seguiu para Beirute, mas não teve autorização para entrar no país. “Quando cheguei em Beirute, estava um embaixador do Brasil mais um representante do governo. Eles me pegaram dentro do avião e me botaram em um carro da embaixada. Estavam bravos comigo, diziam que um senador brasileiro não podia visitar o país bem naquele momento. E foi justamente quando ocorreu um bombardeio em Beirute atingindo a Embaixada do Brasil”, conta. Ainda assim, ele conseguiu conhecer el-Kfour, a terra de seus pais.

Simon relata ainda com orgulho e tristeza a história do primeiro-ministro Rafik Hariri, responsável por ações fantásticas no Líbano. Na época, haviam queimado o regime jurídico do

Nos anos 2000, dos 513 deputados no Congresso Nacional, 38 eram de origem libanesa e síria. Entre os 81 senadores, na época, quase 8% também tinham a mesma origem, segundo Pedro Simon

país, e ele reconstruiu e restabeleceu a ordem. “Era muito bom ouvi-lo dizer: ‘Não estamos pedindo esmola! Não mandem dinheiro para o Líbano, nós não queremos nada disso! Queremos que vocês vão lá negociar com a gente. Somos um país que está crescendo, está se desenvolvendo, está avançando e nós precisamos que vocês venham’”, disse Simon, em audiência pública com o então ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, sobre a situação dos brasileiros no Líbano, em agosto de 2006.

Rafik Hariri visitou o Brasil e foi recebido por Pedro Simon, em 1995. Vítima de um violento atentado, em 14 de fevereiro de 2005, Hariri foi morto, com outras 21 pessoas, em Beirute. “Foi um crime. Mataram-no porque ele estava fazendo coisas boas. Era um homem espetacular que iria buscar o entendimento”, lamenta o político

UMA NAÇÃO DENTRO DA OUTRA

Pedro Simon se emociona com a história do Líbano e a presença libanesa no Brasil. “Somos aproximadamente oito milhões de brasileiros de origem libanesa, duas vezes a população atual do Líbano. Portanto, o Líbano também é aqui! Mais do que isso: um Líbano de paz e harmonia! Uma paz duradoura, que não se alcança apenas nas agitadas primaveras”, declarou, em 2011, durante a inauguração de uma exposição no Rio de Janeiro, que comemorou a visita de Dom Pedro II ao Líbano - referindo-se a então recente Primavera Árabe, que atraía as atenções do mundo para a situação política no Oriente Médio.

A representatividade dos libaneses na política nacional também foi destacada por Simon. Nos anos 2000, dos 513 deputados no Congresso Nacional, 38 eram de origem libanesa e síria. Entre os 81 senadores, na época, quase 8% também tinham a mesma origem, entre eles, nomes como o do próprio Pedro Simon, Artur da Távola e Romeu

Tuma. Em São Paulo, o número de vereadores de origem libanesa da época chegava a 20%. E em Mato Grosso do Sul, os políticos de origem síria e libanesa chegaram a representar 37% dos deputados federais. “Nossa representação na política chega a ser um exagero”, ressaltou Pedro Simon. “É de longe a maior colônia no Congresso”, comentou em entrevista à revista *Veja*, em outubro de 2000. Ainda hoje, o político se impressiona com o destaque dos imigrantes e seus descendentes, tanto que um filho de libaneses chegou à Presidência da República, Michel Temer.

“A colônia libanesa de São Paulo me emociona. E é um exemplo de boa convivência entre árabes e judeus. Um exemplo desse avanço está no Hospital Sírio Libanês e no Hospital Israelita Albert Einstein, que desenvolvem uma saudável disputa pela inovação e pela pesquisa”, ressaltou o político. “Gostava de ir ao clube Monte Líbano paulistano. Lá, meus amigos me confortavam com a garra, a firmeza, o crescimento e o respeito entre si”, destacou.

O CORAÇÃO PATERNO E UMA VIDA DE SUPERAÇÃO

Pedro Simon conta que foi criado em um ambiente de responsabilidade e austeridade. “Tudo que veio depois, a escola, a igreja, foi para complementar. Não há nada que eu tenha aprendido que meu pai não tenha me ensinado. Uma vez achei uma caneta especial e meu pai me perguntou: ‘O que é isso Pedro? Tu vais viver do teu trabalho, das tuas coisas. Valoriza o teu trabalho’”. O ensinamento de ética e responsabilidade ficou para sempre.

“Meu pai era um homem sério, firme em seus princípios. O negócio dele não era ganhar dinheiro, mas sim fazer as coisas que deveriam ser feitas no momento. Foi a maior influência pessoa da minha vida. Um homem que ainda sem saber falar uma palavra em português, criou os quatro filhos e dois



Simon discursa no enterro de João Goulart, em São Borja (RS)

sobrinhos e cuidou das lojas, depois que os irmãos morreram. Era um típico libanês, com seriedade e dignidade”, recorda saudoso.

Em 91 anos de vida, Simon sobreviveu a uma história familiar de desafios e superação. Perdeu a mãe quando era ainda praticamente um bebê. Seu filho Mateus faleceu em um trágico acidente de automóvel, em 1984. Sua primeira esposa, Tânia, morreu um ano depois. Mas se reforça na convivência e no exemplo dado aos outros três filhos: Tiago, atualmente deputado estadual, Tomaz e Pedro, filho de seu segundo casamento, Ivete Simon. “Também tenho uma filha adotiva, Jaqueline. Ela se casou com um inglês e mora na Inglaterra há 25 anos, mas todo ano passava o Natal e o Ano Novo aqui comigo”, diz com amor. Ele também é avô de Isabela, filha de Tiago, que comemorou 9 nos no mesmo dia em que completou 91 anos.

Católico e devoto de São Francisco de Assis, Pedro Simon tem grande admiração pelo papa Francisco. “Ele está revendo as questões de

crimes de sacerdotes contra crianças, fazendo coisas que nenhum outro papa teve coragem de fazer. Está buscando o entendimento no Oriente e nos ajudando a lembrar de nossos irmãos, especialmente dos que nada têm”, reconhece.

O homem que sobreviveu à doença e à pobreza na infância e conquistou uma carreira digna e célebre na política brasileira ainda se permite sonhar. “Não voltei ao Líbano depois da guerra, mas ainda vou retornar. Tenho uma vontade imensa de chorar e cantar com aquela gente. O sangue parece que ferve na veia da gente. Meu pai me contou tantas histórias desse povo e fiquei conhecendo tantas outras, da origem com os fenícios, de sua vocação para o comércio. No meio daquele tumulto, de uma confusão de disputas desnecessárias entre os países vizinhos que não se entendem, de paixões que levam à violência, quando deveriam levar ao amor, o Líbano tenta se conservar com uma bandeira de paz, de respeito e de entendimento entre as nações”, conclui Simon. ■

PELA AUTONOMIA, O EQUILIBRÍO E A PAZ

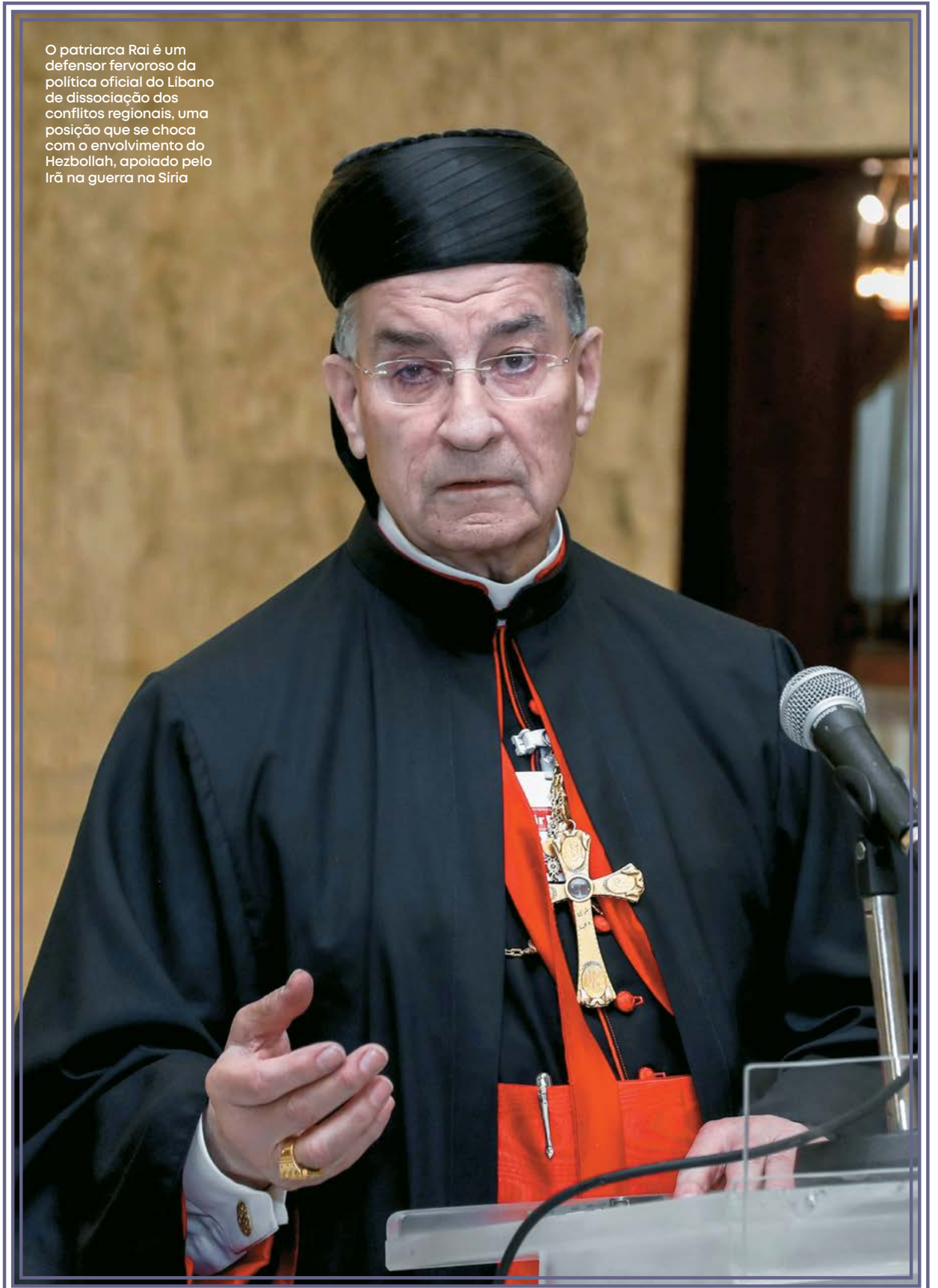
Em agosto de 2020 o cardeal Bechara Pedro Rai, patriarca maronita de Antioquia e de Todo o Oriente, fez importante pronunciamento em defesa da neutralidade do Líbano nos muitos conflitos que abalam a política e a segurança no Oriente Médio. Reproduzimos aqui a íntegra do manifesto, em tradução de dom Edgard Madi, eparca maronita do Brasil

No sermão de julho de 2020, apelei às Nações Unidas pedindo-lhes que trabalhassem na restauração da independência e unidade do Líbano, na implementação de resoluções internacionais e declarassem a neutralidade do Líbano. A neutralidade do Líbano é a garantia de sua unidade e de seu posicionamento histórico, em particular nesta fase de mudanças geográficas e constitucionais. A neutralidade do Líbano é a sua força e a garantia de sua estabilidade. Um Líbano neutro também está em posição de contribuir para a estabilidade da região, para defender os direitos dos povos árabes e para

a causa da paz, e para desempenhar um papel no estabelecimento de relações saudáveis e seguras entre os países do Oriente Médio e Europa, devido à sua localização na costa do Mediterrâneo.

Nossa proposta de neutralidade foi amplamente apoiada por várias comunidades e partidos, e havia muitos artigos de apoio, embora algumas reservas e questões tenham sido levantadas. Por isso, julguei necessário publicar este memorando “Líbano e neutralidade ativa”. Eu abordo cinco pontos: 1. os requisitos desta proposta, 2. o conceito de neutralidade, 3. sua importância como fonte de independência e estabilidade para o Líbano, 4. as vantagens para o Líbano e sua economia, 5. e a conclusão.

O patriarca Rai é um defensor fervoroso da política oficial do Líbano de dissociação dos conflitos regionais, uma posição que se choca com o envolvimento do Hezbollah, apoiado pelo Irã na guerra na Síria



FOTOS: DIVULGAÇÃO

“A declaração de neutralidade do Líbano é um ato fundamental como a declaração do Estado do Grande Líbano, em 1920, e a declaração da independência do Líbano, em 1943”

1. OBRIGAÇÕES:

Talvez a neutralidade do Líbano, como sistema constitucional, não estivesse presente nas mentes dos fundadores do Estado do Grande Líbano, mas esteve presente como uma política de defesa e política estrangeira que esta pequena e nova entidade seguiria para estabelecer sua existência e manter sua independência, estabilidade, unidade e identidade. Ao redigir a constituição libanesa em 1926, o alto comissário francês, Henri de Jouvenel, pediu ao seu governo que lhe enviasse uma cópia da Constituição da Suíça, pois a considerava adequada à composição libanesa. Esta tendência foi confirmada em 1943 quando o governo independente declarou que o Líbano estava ligado à “neutralidade entre Oriente e Ocidente”, e sublinhou isso em 1945 ao redigir a Carta da Liga Árabe, que tornava as decisões da Liga não vinculativas, mesmo que fossem tomadas por unanimidade. O trabalho preparatório para esta carta e as intervenções afirmaram que “o Líbano é um país de apoio e não um Estado de confronto”. Seria, portanto, um elemento de solidariedade entre árabes e não um fator para desmantelar e alimentar conflitos árabes; e um afastamento da solidariedade árabe em favor de estratégias que servem a regimes estranhos e não aos interesses árabes comuns.

A ideia de neutralidade foi repetida em várias expressões nos discursos dos presidentes da República, nas declarações ministeriais e em cada declaração nacional emitida pela Comissão de Diálogo até 11 de junho de 2012 com a Declaração Baabda, que foi aprovada por unanimidade e incluiu claramente a expressão “a neutralidade do Líbano”. Esta declaração foi enviada às Nações Unidas e distribuída como documento oficial do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral (ver

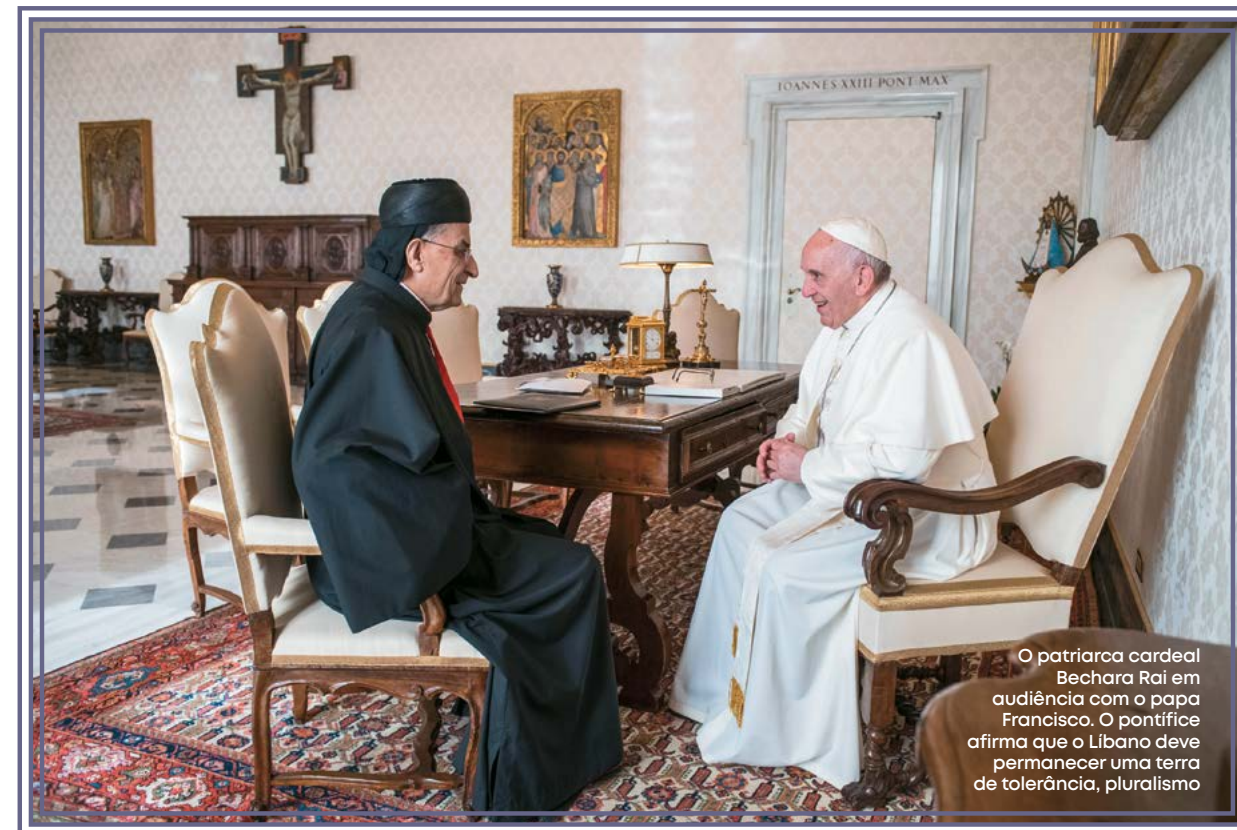
documentos: A / 66/849 e S / 2012/477). Em 19 de março de 2015, o Conselho de Segurança emitiu uma declaração convocando as partes libanesas a respeitar o que está estipulado nesta “declaração”

Graças a esta sábia política, o Líbano tem sido capaz de preservar sua integridade territorial apesar dos projetos de unidade árabe e apesar de todas as guerras árabe-israelenses. Todos os países que fazem fronteira com Israel (Síria, Jordânia e Egito) perderam parte de suas terras, com exceção do Líbano. E a neutralidade relativa do Líbano em face dos conflitos da região entre 1943 e 1975 levou à prosperidade, aumento do crescimento, aumento da renda per capita e redução do desemprego, ao ponto de render ao Líbano o título de “Suíça do Oriente”.

Essa era foi perturbada em 1958 quando o presidente egípcio Gamal Abdel Nasser tentou incluir o Líbano na unidade de transição egípcio-síria. No entanto, os libaneses superaram rapidamente essa provação, reconciliaram-se e concluíram a construção do estado. O equilíbrio libanês se deteriorou com a entrada do fator palestino na equação interna, o lançamento da ação armada palestina no país e a tomada de partido, o que levou ao início da guerra em 1975.

Diante da divisão cristã/islâmica que suspendeu o governo, o estado libanês se submeteu e concordou em renunciar à sua soberania. Em 1969, assinou o Acordo do Cairo que permitia às organizações palestinas realizarem ações militares contra Israel a partir do sul do Líbano.

O acordo se referiu ao viés do estado e das facções libanesas em relação aos conflitos ideológicos, políticos, militares e sectários no Oriente Médio. Israel ocupou o sul do Líbano (1978/2000) e as organizações palestinas assumiram o controle do restante até o centro de Beirute (1969/1982); então as forças sírias entraram



no Líbano (1976/2005) e o Hezbollah nasceu com o projeto da República Islâmica do Irã em seus aspectos religiosos, militares e culturais (1981 / ...).

Todos esses eventos ocorreram devido ao afastamento do Líbano da reconhecida política de neutralidade sem um texto constitucional. Assim, o estado perdeu sua autoridade interna, a entidade perdeu a soberania fronteiriça, o país perdeu seu papel político, a fórmula perdeu equilíbrio e a sociedade, sua particularidade cultural. Por causa desse desequilíbrio ocorreram conflitos internos que não foram menos violentos que as guerras principais. O Líbano atualmente está abalado entre a unidade e a divisão.

Assim, a experiência de cem anos (1920/2020) de vida do Estado do Grande Líbano revelou que o país não pode ser a pátria da mensagem sem adotar um sistema de neutralidade. O viés de conflito de países e povos do Oriente Médio culpa a fórmula da parceria entre cristãos e muçulmanos em seus aspectos espirituais, patrióticos e humanitários. O Líbano se desintegrou, e todas as soluções e todos os assentamentos falharam e não salvam mais sua unidade, independência e estabilidade, exceto pela

neutralidade. Isso ocorre porque as diferenças de intensidade e profundidade ameaçam a entidade, não apenas o estado.

A declaração de neutralidade do Líbano é um ato fundamental como a declaração do Estado do Grande Líbano, em 1920, e a declaração da independência do Líbano, em 1943. O primeiro ato foi impedir o povo libanês de se dissolver na unidade árabe-islâmica e conceder-lhe um sistema parlamentar democrático e sua coexistência, permitindo a convivência entre eles. O segundo ato deu soberania aos países emergentes e estabeleceu seu papel independente no sistema nacional. O terceiro ato, que buscamos realizar, impede a divisão do Líbano, protege-o das guerras e preserva sua privacidade. Neutralidade é o “contrato de estabilidade” após décadas de existência e soberania.

2. O CONCEITO DE NEUTRALIDADE ATIVA:

O Líbano, com sua neutralidade ativa, tem três dimensões interdependentes, complementares e indivisíveis.

A primeira dimensão: é a não entrada categórica do Líbano em alianças, eixos, conflitos políticos e guerras em nível regional e internacional, e a recusa de qualquer estado regional ou internacional de interferir nos seus assuntos, dominar, invadir, ocupar ou usar seu território para fins militares, conforme acordo da Segunda Conferência de Haia (18 de outubro de 1907) e todos os acordos regionais e internacionais subsequentes.

O Líbano tem o direito de permanecer membro ativo da Liga Árabe e das Nações Unidas, ajudando a enriquecer a ideia da solidariedade dos povos e seu trabalho pela paz e o renascimento dos povos.

A segunda dimensão: é a simpatia do Líbano pelas questões dos direitos humanos e da liberdade dos povos, especialmente os povos árabes, nos quais seus países e as ONU estão unidos. Assim, o Líbano continuará defendendo os direitos do povo palestino e trabalhando para encontrar uma solução para seus refugiados, em particular daqueles que estão em território libanês. O Líbano neutro pode cumprir seu papel e “missão” em seu ambiente árabe, no qual a exortação apostólica do papa João Paulo 2, “Uma Nova Esperança Para o Líbano” (parágrafos 92 a 93) inclui iniciativas de reconciliação e a reaproximação entre vários países árabes e regionais e soluções de conflitos. A característica de diversidade cultural e da civilização do Líbano faz da sua terra um encontro e um diálogo entre religiões, civilizações e culturas de acordo com a Resolução das Nações Unidas na sessão de setembro de 2019, que declarou o país como Academia Humana para o Encontro e o Diálogo. O Líbano, com sua localização às margens do Mediterrâneo, é um ponto cultural, econômico e civilizatório entre o Oriente e o Ocidente.

A terceira dimensão: é fortalecer o estado libanês para que seja militarmente forte com o exército, as instituições, a lei, a justiça, a unidade interna e a criatividade, a fim de garantir sua segurança interna e para se defender contra qualquer agressão terrestre, marítima ou aérea vinda de Israel ou de outro lugar. O Líbano neutro exige que as questões de fronteira com Israel sejam tratadas com base na linha do armistício (1949), e as fronteiras com a Síria também sejam traçadas.

3. O SISTEMA DE NEUTRALIDADE É A FONTE DA INDEPENDÊNCIA E DA ESTABILIDADE DO LÍBANO:

A neutralidade garante a saída das situações de conflitos, guerras e sucessivos acontecimentos internos que se seguiram à criação do Estado do Grande Líbano: 1958,1969,1973,1975.

No que se refere às causas históricas dos conflitos, encontramos quatro tipos básicos:

- A.** Conflitos internos entre os componentes religiosos e grupos sectários com múltiplas lealdades, com base em um fundo nacionalista e ideológico e no desejo de modificar o poder de governo no país e servir aos interesses de outros países.
- B.** Conflitos políticos, geográficos e nativos em países vizinhos que tenham repercussões para nós.
- C.** A falta de clareza da relação da Síria com o Líbano em termos de território, autoridade ou fronteiras internacionais, frequentemente gera disputas.
- D.** O impacto da fundação do Estado de Israel sobre o Líbano, em participar de sua segurança nacional, de fronteira e interna, e trazer refugiados palestinos.

Essas disputas foram objeto de soluções superficiais e temporárias até que a constituição foi emendada após o Acordo de Taif, em 1989, com a transferência do poder executivo da presidência da República para o Conselho de Ministros coletivamente e a adoção da equipe digital no Conselho Representativo. Todas essas regulamentações políticas e constitucionais acabaram com a guerra, mas não encerraram o conflito; ao contrário, piorava a cada povoamento, pois as colônias continham em si as sementes de conflitos futuros. O Líbano se tornou uma pátria, cujos elementos contestaram seu papel em sua dominação, e uma arena para “guerras de outras pessoas” dentro de seu território.

Se as causas desses conflitos não forem tratadas em profundidade, os conflitos e as guerras continuarão, e chegaremos a um dos três casos: uma religião assume o poder sobre as outras pela força das armas assumindo o controle sobre o estado e ameaçando seus vizinhos e o equilíbrio regional; ou o Líbano permanece um estado falido, desprotegido, abalado e

“ O Líbano tem o direito de permanecer membro ativo da Liga Árabe e das Nações Unidas, ajudando a enriquecer a ideia da solidariedade dos povos e seu trabalho pela paz ”

desestabilizado; ou os outros reconsideram a entidade libanesa no contexto de mudanças no Oriente Médio, contrariando nossa vontade de nos unir e coexistir. Portanto, propusemos um sistema de neutralidade para evitar tais situações, estabelecendo a soberania e a estabilidade.

4. O LÍBANO E SUA ECONOMIA SE BENEFICIAM DO SISTEMA DE NEUTRALIDADE:

A. O Líbano se beneficia do sistema de neutralidade em duas áreas fundamentais:

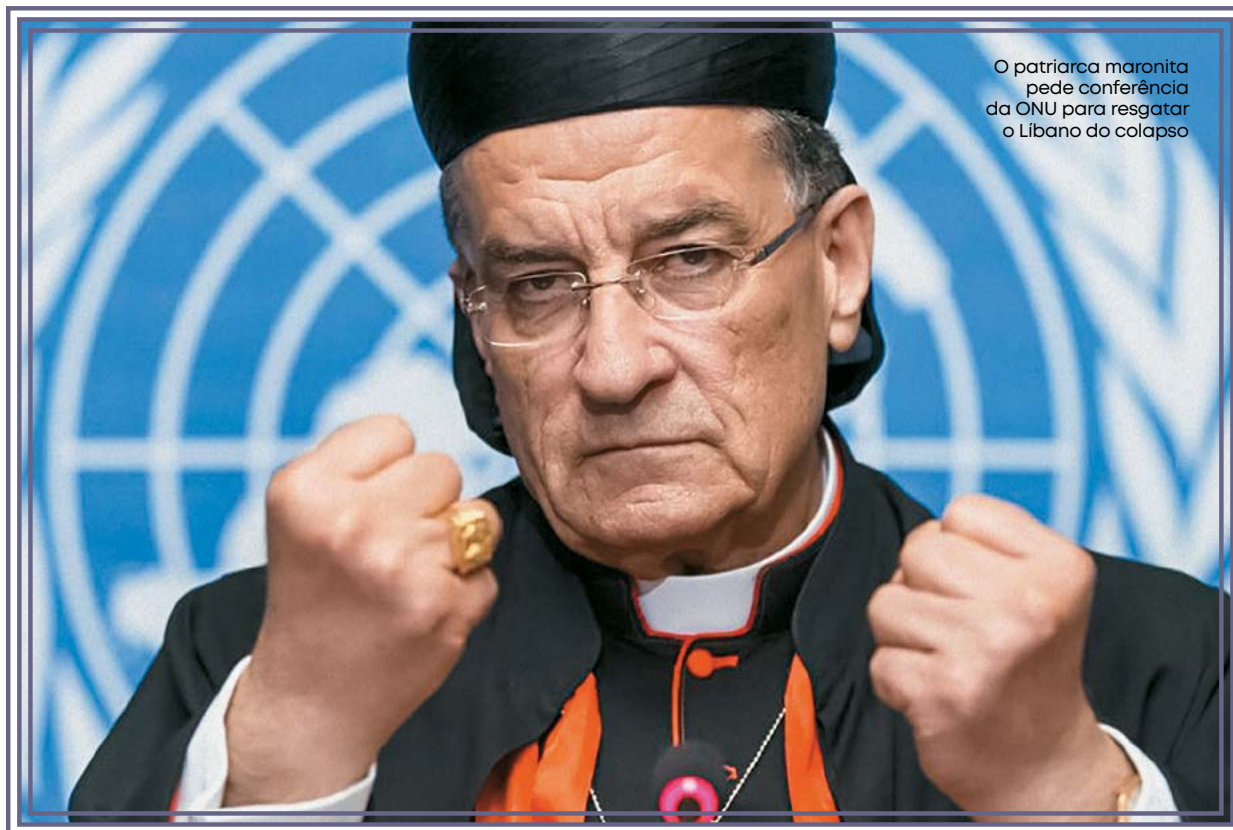
- 1.** A neutralidade salva a unidade do território e do povo libanês, revivendo a parceria nacional islâmico-cristã que se fragmentou em muitos lugares. Com a neutralidade do Líbano, suas dezoito religiões recuperam seguranças e estabilidades, confiam umas nas outras, isoladamente dos conflitos, e contribuem para a estabilidade regional e a paz mundial.
- 2.** A neutralidade torna mais flexível e positiva a participação de todos os componentes libaneses, pois rompe preconceitos e tendências no exercício de poderes e autoridade, qualquer que seja a identidade política e sectária do responsável político.

B. A economia libanesa se beneficia em mais de um setor: A neutralidade fortalece a economia graças à estabilidade, à segurança e às capacidades dos libaneses em termos de cultura, experiência e criatividade. Mencionamos aqui seis setores específicos do Líbano que impulsionam sua economia:

- 1.** As capacidades bancárias e financeiras e a longa experiência neste campo fazem do Líbano a tesouraria do Oriente Médio. Pois estabilidade e segurança geram confiança.

- 2.** Elevado nível médico-hospitalar com equipamentos de alta qualidade. O Líbano está mais perto do Oriente Médio do que a Europa e os Estados Unidos, sendo a língua árabe é um componente essencial. Portanto, o Líbano é um centro médico na região e possui uma rede de hospitais que permite o acompanhamento dos familiares de pacientes.
- 3.** O Líbano é um centro turístico do Oriente Médio e do mundo, se a estabilidade e a segurança estiverem garantidas. As características turísticas do Líbano o tornam um centro atraente. Isso além de hotéis, resorts marítimos e montanhosos e restaurantes.
- 4.** O Líbano é um centro de educação e treinamento no Oriente Médio graças ao seu alto nível tradicional, especialmente no nível universitário. Os árabes preferem o Líbano à Europa e aos Estados Unidos. E com esse destaque, o Líbano contribui para disseminar o espírito de compreensão e paz.
- 5.** O Líbano, com sua estabilidade e segurança, incentiva os dispersos a voltar e investir em vários projetos. Ao fazer isso, eles fornecem empregos, crescimento e uma qualidade de vida que dominou o país entre os anos 1950 e o início dos anos 1970.
- 6.** O Líbano se beneficia da neutralidade graças à sua adesão ao mundo árabe, à sua localização nas margens do Mediterrâneo, ao seu papel histórico e à sua civilização.

Graças a tudo isso, o Líbano torna-se o eixo da União Mediterrânica e o lugar onde se encontram os interesses de todas as partes. A parceria europeia e a União Para o Mediterrâneo são projetos vitais para o Líbano. Esta ideia está no cerne de uma visão de futuro e esta “união” comporta uma verdadeira capacidade de criação de um novo sistema de valores e de poder político,



O patriarca maronita pede conferência da ONU para resgatar o Líbano do colapso

econômico, cultural e de navegação nesta região estratégica do mundo. Também torna a Europa mais conectada ao mundo árabe, mais preocupada com seus interesses e, portanto, menos ansiosa para defender Israel.

5. O QUE PRECISAMOS:

Com base em tudo isso, conclamamos a comunidade árabe e internacional a compreender as razões históricas, de segurança, políticas, econômicas, culturais e civilizacionais que levam a maioria dos libaneses a adotar a “neutralidade ativa”, e que as Nações Unidas reconheçam oportunamente o Estatuto de Neutralidade com suas três dimensões:

Primeiro, o Líbano nasceu e seguiu a linha de neutralidade e não alinhamento desde sua fundação até 1969 com o Acordo do Cairo, que permitiu aos refugiados palestinos a posse de armas pesadas e o combate a Israel em território libanês e o subsequente surgimento de forças militares libanesas e não libanesas fora do estado.

Em segundo lugar, o Líbano, em virtude de seu

sistema democrático e liberal e da vantagem de seu pluralismo religioso e cultural organizado na Constituição e na Carta Nacional, e por causa de sua localização na costa do Mediterrâneo entre o Oriente e a Europa, tem um papel na promoção da paz e da estabilidade na região, na defesa dos direitos dos povos e na mediação da aproximação e reconciliação entre os países árabes, e na criação de um espaço de diálogo entre as religiões, culturas e civilizações.

Em terceiro lugar, o Líbano, que se baseia no pluralismo e no equilíbrio entre os seus componentes, deve continuar para que as Nações Unidas, juntamente com os países envolvidos, encontrem uma solução para a presença de cerca de meio milhão de refugiados palestinos e cerca de 1,5 milhão de sírios deslocados em seu território. ■

Dimane, 7 de agosto de 2020.
+ Cardeal Bechara Pedro Rai
Patriarca Maronita de Antioquia
e Todo o Oriente

FOTO: DIVULGAÇÃO

UM NOVO VEÍCULO DE INFORMAÇÃO COM FATOS E PERSONAGENS MARCANTES DA VIDA NACIONAL



Site: www.cadernodobrasil.com.br
Email: contato@cadernodobrasil.com.br
Fone: 11 3129.2971

CADERNO DO
BRASIL

LIVRO

AÇÃO E SUSPENSE NA VIDA REAL

De executivo internacional de sucesso a procurado pela polícia japonesa e envolvendo a diplomacia de três países, Carlos Ghosn tem uma história e tanto para contar.

Por isso, em colaboração com a mulher Carole, transformou em livro aquilo que todos querem saber

Em 19 de novembro de 2018, Carlos Ghosn foi detido pelas autoridades japonesas assim que desembarcou no aeroporto de Tóquio. Executivo de reconhecimento internacional pelo seu trabalho como CEO da Renault e da Nissan, foi imediatamente isolado em um presídio, sem saber ao certo sob que acusação. Carlos vinha de Beirute, onde passara o fim de semana com sua esposa Carole, que só soube do que havia acontecido com o marido quando estava prestes a desembarcar em Nova York. “Juntos, Sempre: Confidências Sobre Um Ano no Inferno” (Ed. Intrínseca) conta essa história, narrada por marido e mulher.

O executivo foi preso no Japão sob a acusação de uso abusivo de ativos corporativos. Libertado em março de 2019, foi novamente preso no mês

seguinte e colocado em prisão domiciliar, de onde fugiu em 29 de dezembro de 2019. Refugiou-se no Líbano, onde permanece até hoje.

Brasileiro franco-libanês, Carlos Ghosn nasceu em Porto Velho, Rondônia - em 1954 - cidade na qual seu avô paterno, um imigrante libanês maronita, se estabeleceu no Brasil. Aos 6 anos de idade foi com a família viver no Líbano e, mais tarde, formou-se em engenharia na França. Na indústria francesa de automóveis Renault, gerenciou a aquisição de participação da Nissan, tornando-se CEO da empresa em 2001. Quatro anos depois foi alçado ao mesmo posto na Renault, sendo o primeiro no mundo a ocupar o mesmo cargo em duas empresas da lista da Fortune Global 500.

A libanesa Carole Ghosn, nascida em 1966, vem de uma família da classe média alta síria. É formada em ciências e passou grande parte da

vida nos Estados Unidos, entre a alta sociedade da diáspora libanesa. Ela e Carlos Ghosn se conheceram em um gala beneficente em Nova York e casaram-se em 2016, em uma cerimônia íntima, em Paris. No ano passado, em janeiro, a justiça japonesa emitiu um mandado de prisão contra ela, acusando-a de perjúrio.

“Juntos, Sempre” mostra o dia a dia de Carlos na prisão e os períodos de liberdade vigiada. O leitor acompanha uma trama sobre traição no meio empresarial, acusações de uso indevido de bens corporativos, a ação diplomática dos três países onde Carlos tem cidadania e os bastidores do severo sistema judicial nipônico.

Alternando o ponto de vista entre o casal a cada capítulo, o livro conta a luta dos dois para provar a inocência de Carlos. O sofrimento da separação - incluiu o longo período em que foram proibidos até mesmo de se comunicar - só chegou

ao fim depois da fuga espetacular do executivo. Carlos conseguiu despistar as autoridades japonesas e abandonar o país para, finalmente, se estabelecer em Beirute.

Unindo ação, romance e os bastidores do mundo das altas finanças, “Juntos, Sempre” é um daqueles episódios quando a vida imita a ficção. ■

“Em “Juntos, Sempre”, o leitor acompanha uma trama sobre traição no meio empresarial e acusações de uso indevido de bens corporativos”

FOTO: EDINTRINSECA



Decididos a compartilhar as dificuldades que enfrentaram, Carole e Carlos Ghosn incluíram no livro as cartas trocadas durante o período em que estavam proibidos de se encontrarem

PAI HERÓI

A filha de Nabil Massad fala das lições, do aprendizado e do amor imenso que prossegue além da vida

POR SILVIA ODETE MORANI MASSAD

“COMBATI O
BOM COMBATE,
ENCERREI
MINHA
CARREIRA,
GUARDEI A
MINHA FE”.

2 TIMÓTEO 4:7-8

O médico Nabil Massad deixou saudades no coração dos familiares, amigos e colaboradores

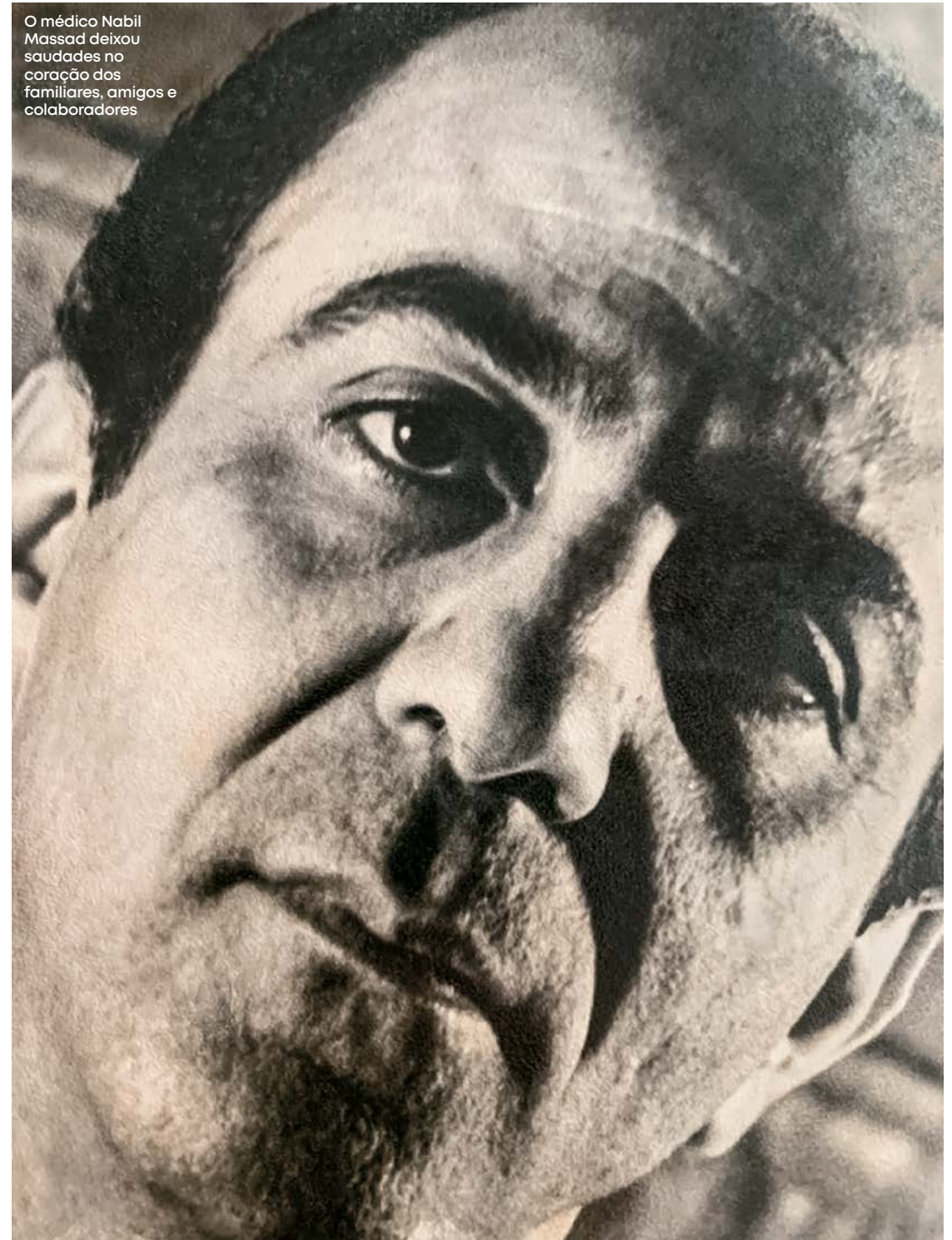


FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Sim, é para ele que escrevo hoje. Para aquele que é o meu herói, herói de tantos que tiveram suas vidas salvas em hospitais: meu amado pai dr. Nabil Massad. Aquele que catava conchinha comigo na praia de Copacabana comigo e adorava me explicar o mundo e o sacerdócio da Medicina. Aquele que comprava flores, mais especificamente rosas vermelhas, em todas as datas comemorativas para a minha amada mãe, sua esposa Solange Morani Massad. Aquele que tinha uma resposta para tudo, mas que não tinha vergonha de dizer que não sabia. Aquele que, quando falava sobre a esposa e a filha, tinha sua fisionomia modificada e iluminada pelos contornos de uma felicidade e alegria imensas. Digo até que, se ele pudesse, falaria sobre nós de pé, em uma reverência ao respeito e admiração que nutria. Aprendi tanto com ele: a maioria das coisas guardo até hoje, outras devo ter deixado pelo caminho no difícil exercício de crescer.

Quando me examino mais de perto, ele está sempre lá. Aliás aqui, dentro de mim: no meu jeito de pensar, na forma ingênua de ver a vida, achando sempre que vai dar tempo, que vai dar certo, que o trânsito não atrasa, que o acaso sempre ajuda... Não tem nenhum lado em que eu olhe para mim mesma e não o encontre em algum lugar. Olho no espelho e vejo o meu pai em mim. Nas sobrancelhas, no nariz, no queixo, no cabelo, no formato do meu corpo, na força de uma estrutura óssea pesada. Na força de quem contradisse todos os prognósticos médicos e melhorou quando era para piorar e piorou quando era para voltar para casa.

Das pessoas que passaram pela minha vida, ele sempre foi o que mais me deu apoio, me deu a mão,

“Meu amado pai... Sua lembrança é viva entre nós. Em cada dia, uma gota de saudade é acrescentada aos nossos corações”

“Não tem nenhum lado em que eu olhe para mim mesma e não o encontre em algum lugar. Olho no espelho e vejo o meu pai em mim”

o braço e o abraço. Alguns pouquíssimos defeitos, mas nenhum como pai. Lembro-me de todo o tempo investido em me fazer crescer, me incentivar, me dar colo e carinho. Ainda persiste em mim aquela menininha que o vê como herói... o meu! Sempre me fez sorrir, tinha certa capacidade de me emocionar. E sempre me fazia feliz... Meu pai dizia: “Sempre lutei por uma educação completa da vida”. E é a isso que chamo de dever cumprido: a sensação de que não está faltando nada.

Para ele, o meu pai, todo o amor do mundo. Todo o meu amor! Para ele, as minhas orações, minhas preces. A minha caminhada, a minha luta e a minha estrada. Amparo-me nas palavras do escritor e filósofo predileto do meu pai, Gibran Khalil Gibran: “As grandes dores são mudas”. E por aqui sigo a minha estrada, com mudanças, imperfeições, desafios, recomeços e sempre, sempre, sempre, muito amor para curtir as felicidades que me visitam.

Na roda da vida, essa metralhadora aleatória de acasos é uma roleta russa cotidiana: quem consegue sobreviver, tem que lidar com todo tipo de destino, não há exceção, não importa a fé, a vida é implacável.

Meu amado pai dr. Nabil Massad, sua lembrança é viva entre nós. Em cada dia que amanhece, uma gota de saudade é acrescentada aos nossos corações. Uma saudade intensa no meu peito que ainda pulsa por respostas, mas hoje percebo que é possível sentir dores juntamente com as alegrias que estive convivendo com você no hospital. Esse, aliás, talvez tenha sido o maior aprendizado desses tempos, permitir frações de felicidade no meio da sua luta no tratamento que foi vitorioso. No entanto, você foi ironicamente para o céu por um erro médico.

Jamais encontrarei palavras, com significados suficientemente válidos para expressar o meu amor e

a minha saudade. E, como não poderia ser diferente, essa homenagem é de coração para coração. Uma homenagem que ultrapassa os limites do universo e alcança a sua pessoa. Porque não há distância alguma que me separe da sua alma e tampouco que apague a chama do amor que existe dentro de mim.

Talvez eu nem consiga dizer nenhuma das palavras que estou a proferir. Aqui, eu sei, as minhas lágrimas não são visíveis. Aqui a minha emoção fica quase imperceptível, é camuflada pela composição das linhas que se seguem. Deleito-me nessas frases para

te escrever da minha saudade. Quem dera eu tivesse o dom de poder te trazer de volta para mim, sem tempo de permanência. Orgulho-me de ser sua filha. Meu sangue é o seu sangue. Uma semente que jogou no solo da vida, germinou, cresceu, e dá lindos frutos.

Fica, meu pai, junto ao Nosso Senhor Jesus Cristo e um dia nos reencontraremos.

De quem te ama e sente eternas saudades de você.

Sua filha “especial, especialíssima”. ■

Silvia Odete Morani Massad é advogada

MÉDICO, MESTRE E SABIO

Uma elegia ao doutor Nabil Massad, que marcou seu nome na medicina brasileira e partiu neste ano conturbado, deixando um legado de dedicação ao próximo e amor ao ofício para as futuras gerações

POR EDMO ATIQUÉ GABRIEL*

Como seria maravilhoso se Deus nos concedesse o dom de mudar o destino das pessoas! Certamente nós escolheríamos algumas pessoas, de tão especiais e marcantes, para permanecer vivas para sempre, sem nenhum tipo de dor e sofrimento. Charles Chaplin dizia que devemos sorrir e viver intensamente a vida, antes que o espetáculo acabe e as cortinas se fechem. Como seria grandioso tornar sem efeito as palavras de um gênio do cinema mudo e poder reescrever a história de vida de uma pessoa, sem deixar que as cortinas e os olhos se fechem em definitivo!

Quando o dia 15 de março de 2021 espocou, as forças e o fôlego de um querido ser humano, pederneirense de nascimento e carioca de coração, começavam seu último decurso. Eram as últimas voltas do relógio da vida neste plano terreno. Ao anoitecer, os olhos de dr. Nabil Massad, que almejava conseguir atingir e celebrar seu centenário, ao lado de sua família e amigos, sucumbiram ao chamado divino. Era o fim de um ciclo de vida terrena irretocável.

Dr. Nabil Massad foi um homem de ímpeto, destemido que, aos 17 anos, deixou sua querida Pederneiras, no interior de São Paulo, mesmo diante das lágrimas que escorriam dos olhos de seu

pai, Farhan Massad, para buscar o sonho de estudar medicina no Rio de Janeiro. Com poucos recursos financeiros, mas com atributos intelectuais de transbordar, o jovem Nabil chegou à então capital da República em agosto de 1956. Assustado com tantas belezas naturais e tanto progresso, o jovem Nabil iniciou sua preparação para o vestibular da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, localizada em um suntuoso e lendário prédio fincado na Praia Vermelha.

No início de 1957, com louvável distinção, o jovem Nabil foi aprovado para estudar medicina e, assim, a saga de uma pessoa tenaz e perfeccionista se iniciava. Novamente as lágrimas verteram dos olhos do sr. Farhan Massad, desta vez pela alegria incontida de saber que seu querido filho seria médico, seria um hakim.

Dr. Nabil Massad construiu uma carreira universitária extremamente profícua, com participação ativa e muito engajamento em atividades extracurriculares e concursos para auxiliar acadêmico. Conviveu e aprendeu com inúmeros mestres que influenciaram gerações, como Clementino Fraga Filho, Augusto Paulino Soares de Souza e Jayme Poggi de Figueiredo.

Após o término da graduação, dr. Nabil especializou-se em Coloproctologia, sob a batuta do renomado cirurgião Horácio Ferraz Carrapatoso.

O Nabil passou então a se dedicar integralmente à carreira de cirurgião coloproctologista em importantes hospitais do Rio de Janeiro, como Hospital Rocha Faria, Hospital Casa de Portugal e Hospital Federal de Ipanema, sendo que esta última instituição foi sua “casa” ao longo de décadas, trabalhando em prol dos mais necessitados e ensinando as nuances da coloproctologia a muitas gerações. Ao longo de todos

“ Dr. Nabil Massad foi um homem de ímpeto, aos 17 anos, deixou sua querida Pederneiras, no interior de São Paulo”

“ A busca pelo conhecimento era algo tão magistral na personalidade do dr. Nabil, que o mesmo graduou-se também em Direito ”

os anos de sua carreira profissional, dr. Nabil recebia em seu apartamento no Flamengo ou em Copacabana, todos os estudantes oriundos de Pederneiras que vinham ao Rio de Janeiro prestar vestibular de medicina. Alguns destes estudantes, após aprovação no vestibular, residiram no apartamento do dr. Nabil, quando este ainda era solteiro ou mesmo quando já casado com a ilustre empresária e advogada carioca, dra. Solange Morani Massad.

Além de sua dedicação assistencial nos hospitais do Rio de Janeiro, dr. Nabil ocupou posições de destaque como membro titular na Sociedade Brasileira de Coloproctologia, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões e no Conselho Regional de Medicina. Foi um árduo defensor do exercício ético da medicina e da coloproctologia.

A busca pelo conhecimento era algo tão magistral na personalidade do dr. Nabil Massad, que o mesmo graduou-se também em Direito, pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro. Um médico que buscava o conhecimento dos códigos e leis; um causídico que se vestia de branco durante o dia e que, com muita humildade, estudava as ciências jurídicas à noite.

Nos últimos anos, dr. Nabil dedicou-se ao ensino médico e assistência na Unigranrio (Universidade do Grande Rio), trabalhando regularmente em Duque de Caxias e na Barra da Tijuca. Quem conviveu com o dr. Nabil sabia que, mesmo após encerrar suas atividades como cirurgião coloproctologista, sua paixão era ensinar os mais jovens e preparar as novas gerações para o enfrentamento das agruras do mercado de trabalho. ■

Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS.

Um grupo de intelectuais em intensa produção de idéias e conteúdos.



Raul Marino Jr.



Miguel Reale Jr.



Júlio Medaglia



Célio Debes



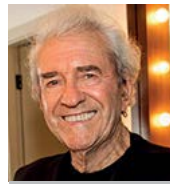
Gabriel Chalita



Luiz Carlos Lisboa



Leandro Karnal



Juca de Oliveira



Marcio Scavone



Rubens Barbosa



Eros Grau



Paulo Nathanael



João Carlos Martins



Walcyr Carrasco



José Gregori



Bolívar Lamounier



João Lara Mesquita



Jorge Caldeira



Synésio Sampaio
Goes Filho



Renata Pallottini



Roberto Duailibi



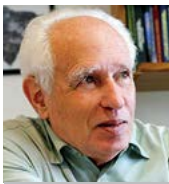
José de Souza
Martins



Celso Lafer



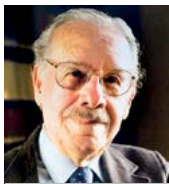
Mauricio de Sousa



José Goldemberg



José Fernando Mafra



Fábio Lucas



Lygia Fagundes
Telles



José Pastore



Raul Cutait



Ives Gandra



Antonio Penteado
Mendonça



Jô Soares



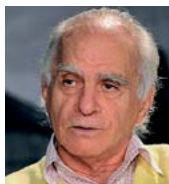
Tércio Sampaio
Ferraz



Maria Adelaide
Amaral



Dom Fernando
Figueiredo



Ignácio de Loyola
Brandão



Ruth Rocha



Ruy Ohtake



José Renato Nalini

Todos os dias você lê em jornais e revistas, ouve no rádio, assiste na televisão, acompanha nas redes sociais, os estudos, opiniões, ensaios ou livros produzidos por um ou vários acadêmicos da APL. Eles se reúnem todos os dias entre si e coletivamente às quintas-feiras para gerar soluções que beneficiem todos os brasileiros. Os planos, programas, cursos e ações da Academia Paulista de Letras merecem seu apoio e atenção.

Torne-se membro da Associação Amigos da Academia, receba notícias constantes e ganhe o direito de assistir às reuniões virtuais das quintas-feiras pelo aplicativo Zoom.



ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

A FORÇA DAS PALAVRAS